

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RENAN MARINO DA COSTA

**MEUS PARÇAS: O REGISTRO DA MEMÓRIA E A REDE SOCIAL COMO
PRODUÇÃO ARTÍSTICA**

UBERLÂNDIA

2023

RENAN MARINO DA COSTA

**MEUS PARÇAS: O REGISTRO DA MEMÓRIA E A REDE SOCIAL COMO
PRODUÇÃO ARTÍSTICA**

Memorial de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia IARTE\ UFU como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Fábio Fonseca

UBERLÂNDIA

2023

**MEUS PARÇAS: O REGISTRO DA MEMÓRIA E A REDE SOCIAL COMO
PRODUÇÃO ARTÍSTICA**

Monografia aprovada para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes
da Universidade Federal de Uberlândia IARTE\
UFU (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 22 de Junho de 2023

Prof. Dr. Fábio Fonseca, UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Patrícia Andrea Soto Osses, UFU/MG

Prof.^a Doutoranda Maria Carolina Rodrigues Boaventura, PGEHA USP/SP

RESUMO

Neste memorial descritivo, traço a trajetória de seis anos de meu trabalho nomeado Meus Parças. Início com a identificação de processos dentro de minha formação acadêmica e referências de vivências na cidade, que levaram ao início do projeto. Meus Parças é uma conta criada na rede social Instagram, na qual são postados registros de minhas relações pessoais, meus amigos. Ao longo do texto exploro os processos artísticos que se desdobram a partir deste ponto inicial, passando para além do virtual, onde o trabalho toma diferentes formas, como o adesivo impresso com a arte digital realizada a partir do retrato registrado, a criação de uma persona própria através de um figurino, até se voltar à preocupação de representar a produção artística do cenário independente da cidade, através das entrevistas e documentário. Ao final, irei explorar visões e texto que abordam esse trabalho, como a teoria da estética relacional e a ideia de formação de rede.

Palavras Chave: Rede Social. Registro. Rede. Arte Relacional

ABSTRACT

In this descriptive memorial, I trace the trajectory of almost 6 years of my work named Meus Parças. I start with the identification of predecessor processes, within my academic background and references of experiences in the city, which led to the beginning of the project. Meus Parças is an account created on the social network Instagram, in which records of my personal relationships, my friends, are posted. Throughout the text, I explore the artistic processes that unfold from this initial point, going beyond the virtual, where the work takes different forms, such as the sticker printed with digital art made from the registered portrait, the creation of an own persona through a costume, until turning to the concern of representing the artistic production of the independent scene of the city, through interviews and documentary. In the end, I will explore views and texts that address this work, such as the theory of relational aesthetics and the idea of network formation.

Keywords: Social Network. Record. Network. Relational Art

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram a fazer esse trabalho se concretizar. Primeiramente a minha mãe e meu pai, Ligia Marino e Fábio Moreira, por todo o apoio e conselhos ao longo desses anos, principalmente neste período de escrita deste memorial.

Seria inviável citar todos que fizeram esse trabalho tomar forma, Meus Parças abrange a maior parte das minhas relações feitas, porém agradecimentos especiais à equipe do DOC. MEUS PARÇAS: Humberto Prado, Robisson Sete, Danilão, Afonso, vocês fizeram um sonho acontecer, não escreveria este texto se não fosse nosso trabalho juntos! É claro que com isso também agradeço a Cleiton Custódio, Vaine e Kainã Bragiola, por toparem esse projeto junto conosco, nossas contribuições e parcerias serão eternas.

Agradeço também a Jamalsk MC, que sempre concordou e entrou de cabeça nas loucuras que poderíamos produzir, Uberlândia sente tua falta amigo, volte logo! Agradeço também a Matheus Bruno Neves, que me auxiliou nos termos técnicos de desabafos, almoços e jantas enquanto escrevia esse trabalho, me ajudou a manter os espíritos em alta!

Neste final de curso muitas relações novas foram feitas e outras se mantiveram fortalecidas, agradeço a essas pessoas por manterem meu trabalho em movimento, sem o registro de vocês não me sentiria completo!

Valeu parças, essa caminhada não seria a mesma sem vocês, quando caminhamos juntos às vezes nem percebemos que já passaram 6 anos. Nada seria possível sem vocês!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Retratos registrados do artista Raphael Faria

Figura 2 – Retrato de Raphael alterado digitalmente

Figura 3 – Os Sete Retratos Mal Falados

Figura 4 – Retratos pertencentes a série Deforma

Figura 5 – Resultados da experimentação e série Não-Fotos de Perfil

Figura 6 – Cena do Clipe do artista Vaine, Eu Sempre Fui Mais de Pensar, 2016

Figura 7 – Produção do Coletivo Mexista, 2018

Figura 8 – Montagem de varal com obras do coletivo, no evento O Olho da Rua, 2017

Figura 9 – Primeiros registros Meus Peças, de Larissa e Bruno acima e Cleo e Emílio abaixo

Figura 10 – da esquerda para a direita: João Pedro, Lucca e Larissa.

Figura 11 – Tiago, Keila e Luyz ao lado do busto utilizado como referência para a arte

Figura 12 – Primeira arte digital das experimentações Meus Peças

Figura 13 – Arte digital e Registro feitos de Felipe Sant'anna

Figura 14 – Arte digital e Registro feitos de Calisson Arthur

Figura 15 – Visão geral da página Meus Peças em seu início

Figura 16 – Registros de Kainã, Thales e Vaine; Jamalsk MC; e Puff

Figura 17 – Experimentações feitas a partir dos retratos registrados

Figura 18 – Retrato feito pelo artista Vaine do figurino Meus Peças.

Figura 19 – Lauana, Paulo e Ana em registros postados utilizando os óculos em questão

Figura 20 – Visão geral da página na segunda metade de 2018.

Figura 21 – Capas feitas a partir da estética do trabalho Meus Peças

Figura 22 – Capa da mixtape de Vaine, de 011 a 034, 2019

Figura 23 – Cena registrada do show de lançamento de 011 a 034, no Baile Amor, 2019

Figura 24 – Cena registrada por Thiago Paulino do show de 011 a 034, no Baile Amor, 2019

Figura 25 – Entrada de Vaine na primeira entrevista Meus Parça, 2019

Figura 26 – Cena da Entrevista Meus Parça de Jamal, captada por Emílio Sene

Figura 27 – Trecho representando o template criado por Keynni Júnior para a

Figura 28 – Capa da entrevista dentro do conteúdo da revista

Figura 29 – Entrevista Redigida e Diagramada

Figura 30 - Capa proposta para ser a capa final do projeto

Figura 31 - Capas dos quadrinhos de Márcia e de Emílio, respectivamente

Figura 32 – Capa da matéria De Ponto a Ponto, de Thiago Paulino, apresentada na revista

Figura 33 – Modo de apresentação da série nas páginas

Figura 34 – Texto de Gabriel Rezende, Skate em Foco

Figura 35 – Texto de Gabriela Gardin, disponibilizado para a revista

Figura 36 -Visão geral da página Meus Parça em 2019

Figura 37 – Testes para animação no estilo Meus Parças

Figura 38 – Cenário montado para gravação do trecho de Cleiton no Doc. Meus Parças

Figura 39 – Cena do Documentário representando as cabeças de argila

Figura 40 – Cena do Doc. Meus Parças onde a vela se apaga

Figura 41 – Bastidores da gravação com Kainã e Vaine

Figura 42 – Cabeça de argila vestindo os elementos do figurino Meus Parças

Figura 43 – Personagem Meus Parças colando seus adesivos

Figura 44 – arte de Cleo sendo realizada no Doc. Meus Parças

Figura 45 – Close de Cleiton em Preto e Branco no primeiro tema

Figura 46 – Close de Kainã na entrada do segundo tema do documentário

Figura 47 – Cena de Vaine durante o terceiro tema

Figura 48 – Cena dos trechos das produções dos artistas

Figura 49 – Visão Geral da página Meus Parças no final de 2022

Figura 50 - Visão Geral da página Meus Parças em junho de 2023

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – Produções e Vivências que levaram ao trabalho	12
Capítulo 2 – A Criação da página Meus Parças	20
Capítulo 3 – Estabelecimento da Estética	26
Capítulo 4 – Busca de Ampliação do Campo de Atuação.....	32
Capítulo 5 – O DOC. MEUSPARÇAS.....	48
Capítulo 6 – O Registro como Arte.....	59
Considerações Finais.....	63
Referências.....	65

INTRODUÇÃO

A cidade de Uberlândia, em 2023, conta com mais de 700 mil habitantes. Seu movimento urbano é agitado e pouco se dá para supor como a vida de seus habitantes segue, como são seus cotidianos. Este memorial traz a tentativa de representar um pouco dessa vida na cidade através da visão construída no trabalho Meus Parças.

Meus Parças serve como uma lente que se fecha para focar em um núcleo distinto da vida urbana da cidade, o meu círculo de relações pessoais construído ao longo dos anos. Uma lente que acaba se abrindo inevitavelmente com o tempo, conforme a própria obra acaba se expandindo de maneira orgânica.

O trabalho pode ser definido de forma simples, assim como sempre definia nos primeiros anos de execução, “essa é uma página no Instagram onde eu posto as fotos dos meus amigos”, era o que eu dizia. Mal imaginava a proporção e as forças que este trabalho traria para minha trajetória como artista.

Escrevo este memorial, após quase 6 anos de construção deste trabalho, com intenção de registrar todos os processos feitos a partir da proposta dada pelo Meus Parças. O início desse projeto se deu em um momento em que estava perdido quanto a minha produção artística. Sempre tive ao meu redor companheiros e amigos com habilidades únicas e produções próprias incríveis, esses sempre me acompanharam nessa trajetória e ainda me acompanham. Sempre me frustrava por não ter uma produção com minha identidade, até que percebi que o que mais me faz único é justamente ter tantas conexões e ligações as quais constroem quem eu sou.

A partir da identificação de que minhas obras não poderiam ser só minhas, ou seja, elas sempre foram construídas através da presença do Outro, a conta no Instagram Meus Parças é criada.

Muito se foi produzido depois desse momento de criação. O objetivo deste memorial é detalhar os processos criativos que construíram essa identidade para a minha produção, de forma cronológica, e entender como todos esses processos distintos, independentemente de suas linguagens e plataformas, se unem em uma única proposta e estética dada pelo trabalho.

A estrutura da trajetória que identifico nesses 6 anos de trabalho consiste em: destacar produções predecessoras que demonstram uma proximidade à criação da página; entender como se deu o início do projeto, o que se almejava no momento; buscar uma estética visual que define o que os resultados da produção transmitem; evidenciar as necessidades de expansão do próprio

trabalho, transferindo-o para novas linguagens e novas formas de comunicação; detalhar os processos do documentário realizado no ano de 2022, o qual possui a essência e a estética Meus Parças, dialogando com a produção durante um período pandêmico; e por fim, entender de maneira teórica o modo de se realizar a prática deste trabalho.

No primeiro capítulo, descreverei experimentos feitos durante o curso de Artes Visuais, referências e influências cruciais para a formação da página, muitas dessas que aconteceram fora do ambiente acadêmico. Estes processos demonstram minha aproximação ao tema do Outro, sejam feitos através do tema retrato ou de convivências como coletivo.

Descrevo as ideias iniciais para a página no segundo capítulo. O porquê de realizar o trabalho no Instagram, a criação de filtros próprios e a busca de uma identidade.

O terceiro capítulo se trata no aprofundamento na criação da estética própria para as fotos e outras produções realizadas a partir da premissa do projeto Meus Parças, com o fim de criar uma visualidade própria, sendo que o trabalho passa a ser representado na linguagem física do adesivo e na linguagem virtual da rede social.

A partir da resolução dos pontos anteriores, o quarto capítulo foca na minha tentativa de ampliar o campo de atuação do trabalho, encontrar novas formas de se representar o Outro, através de entrevistas com artistas e a revista não publicada.

Apesar de não ter sido finalizada, a revista Meus Parças rendeu troca de ideias resultando na criação do projeto de um documentário baseado em sua essência, representar a arte independente da cidade através das conexões realizadas pelo trabalho, apresentando produções de artistas locais. O quinto capítulo esmiúça os processos para a realização deste projeto.

Após a descrição de todos os processos dada, faço uma reflexão do potencial artístico do trabalho, trazendo referências que trazem uma nova ótica sobre o trabalho, a estética relacional de Nicolas Bourriaud é o foco dessa análise.

Espero poder elucidar como foram esses anos de produção, tal prática Meus Parças passou a ser parte da minha vida cotidiana, e mostrar que os processos criativos presentes são pertinentes como prática artística. Na busca de sempre melhorar a qualidade de tais processos, é preciso entendê-los, assim como compreender o valor de tais experiências.

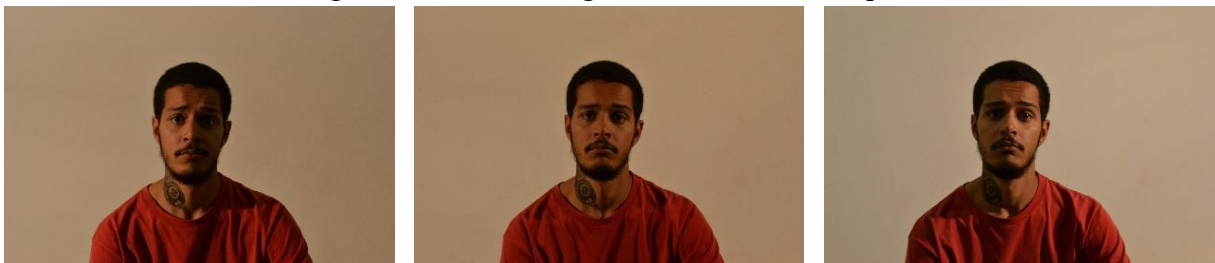
Capítulo 1 – Produções e Vivências que Levaram ao Trabalho

O processo para a criação da página Meus Parças se inicia em 2014 momento em que ingresso no curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, após vir da cidade de São Paulo. A partir de aprendizados de técnicas e processos, juntamente com a formação de conexões com inúmeras pessoas na cidade, o trabalho toma forma e passa a ser a identidade visual artística para toda a minha produção a partir de 2017.

Dos trabalhos desse período de formação, ao longo das disciplinas do curso, identifiquei três experimentações as quais se aproximam da temática do Meus Parças, sendo eles: Os Sete Retratos Mal Falados; a série Deforma; e a série Não-Fotos de Perfil.

Tais obras demonstram a proximidade com o tema do retrato já nessa época. Em 2014 realizei uma série de retratos em uma sessão repentina no laboratório de fotografia, onde convido pessoas pelas proximidades para serem modelos de tais experimentações. A sessão conta com 3 fotos tiradas através de uma câmera digital, cada uma com uma iluminação diferente, sendo duas delas com uma luz focada de cada lado do rosto e uma terceira com o foco de luz vindo de ambos os lados (figura 1).

Figura 1 – Retratos registrados do artista Raphael Faria



Fonte: Acervo Pessoal

A ideia inicial, para a sessão, era realizar um trabalho onde esses retratos estariam dispostos uns aos lados dos outros, porém alguns rostos apresentados estariam modificados digitalmente, trocando olhos e bocas de tais, formando assim os sete retratos mal falados. A próxima imagem representa um exemplo da alteração feita através do programa Photoshop, nela Raphael tem seus olhos e boca trocados por de outras pessoas retratadas (figura 2).

Figura 2 – Retrato de Raphael alterado digitalmente



Fonte: Acervo Pessoal

Posteriormente esse trabalho foi realizado e apresentado na exposição do Festival de Artes Visuais de 2014, no MUnA. A ideia era fazer uma espécie de caça retratos, um jogo para encontrar os impostores. A imagem abaixo (figura 3) é o resultado final dessa experimentação.

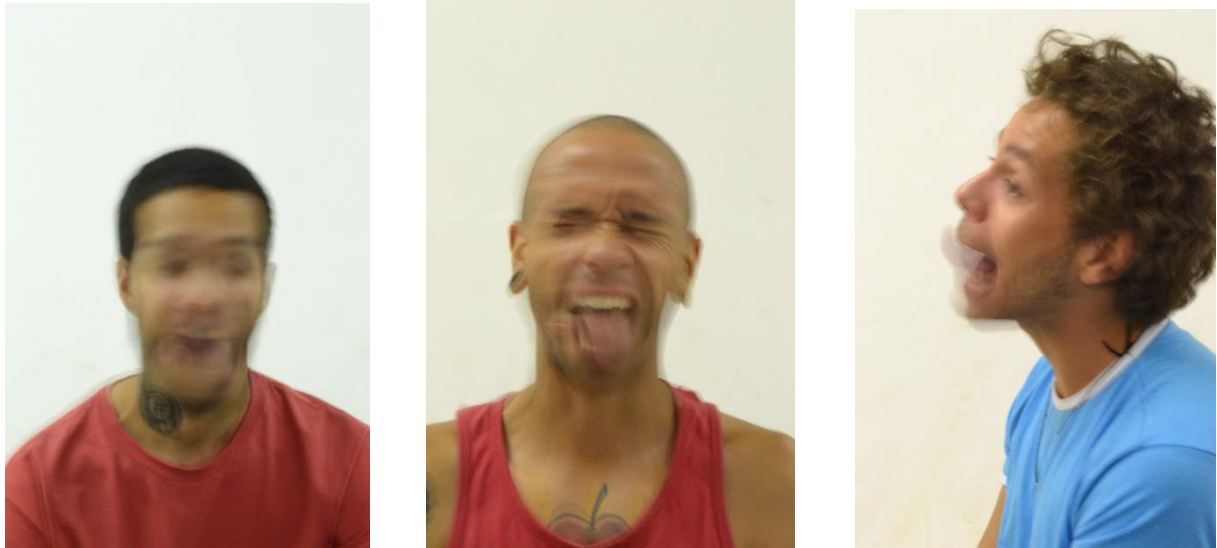
Figura 3 – Os Sete Retratos Mal Falados



Fonte: Acervo Pessoal

Alguns modelos também participaram de uma quarta foto na mesma sessão, tal foto era feita em longa exposição com os rostos em movimento, as quais serviriam para a série Deforma apresentada como trabalho final da disciplina de fotografia (figura 4).

Figura 4 – Retratos pertencentes a série Deforma



Fonte – Acervo Pessoal

O objetivo dessa série era o de experimentação, principalmente da técnica com as câmeras. Uma das fotos dessa série, a da professora Clarissa Borges, passou a integrar o projeto Varal Variante, realizado pela artista Bárbara Ferreira, tal projeto consistia em levar obras de artes, sejam desenhos ou fotos para as ruas e eventos expostas na forma de varais.

Esse período foi repleto de ensaios com a finalidade de testes, houveram outros ensaios como esses usando a câmera analógica, onde testávamos diversas técnicas e possibilidades da mesma.

O terceiro trabalho mencionado anteriormente, Não-Fotos de Perfil, foi realizado em outro momento, em 2015 durante as práticas na disciplina de Arte Computacional. A ideia principal do projeto era retirar as pessoas de suas fotos de perfil da rede social Facebook de forma digital, através do Photoshop. O resultado estético do trabalho se baseou no estudo das silhuetas que eram obtidas após a remoção da figura da pessoa representada nas fotos.

Alguns dos resultados de tais experimentações estão apresentados a seguir (figura 5), as imagens estão apresentadas com os recortes que formam as silhuetas brancas dando evidência aos fundos das fotos.

Figura 5 – Resultados da experimentação e série Não-Fotos de Perfil



Fonte: Acervo Pessoal

Identifico nesses três trabalhos uma proximidade com o tema retrato e as possibilidades de se trabalhar com tal. Sempre presente a intenção de alterar as fotos, a fim de ressignificar as imagens produzidas, explorando diferentes formas de manipulação de tais, sendo elas: alterações digitais; alterações do espaço utilizado; as funções e limites da máquina fotográfica; e até mesmo a impressão das fotos.

A temática do retrato e a minha produção acabaram se distanciando ao decorrer do curso, pelo fato de começar a adentrar outras técnicas e estudos, e só é retomada em 2017. Porém esse período de 2016 a 2017 conteve um outro grande fator para a criação do trabalho Meus Parças, a criação de conexões.

O ano de 2016 foi um ano conturbado por conta do golpe contra a presidente Dilma. Os alunos das Artes Visuais realizam a ocupação do bloco das artes, e se dá início a um processo de criação coletiva que se tornaria o Artivismo. Participo das ações produzindo em conjunto propostas que levaríamos para um ato realizado no viaduto entre a João Naves e a Rondon Pacheco (figura 6).

Tais eventos desencadearam um momento de efervescência criativa entre os estudantes do curso. Me aproximo de artistas que buscavam maneiras diferentes, mais acessíveis de produção, e de formas de se apresentar da arte nas ruas da cidade. Acabo me encontrando no coletivo, o qual se nomeia de Mexismo (figura 7).

Figura 6 - Cena do Clipe do artista Vaine, Eu Sempre Fui Mais de Pensar, 2016



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ksB-djgMmZQ&ab_channel=VaineRap

Figura 7 – Produção do Coletivo Mexista, 2018



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BiYV248lqUO/>

O Mexismo consistia em um coletivo de artistas independentes, tendo como proposta de levar a arte para as ruas, com o intuito de aproximar a população sem contato com museus ou galerias com nossas produções. Ocupar espaços onde a arte é necessária, com o objetivo de estimular a produção e consumo de uma arte livre de amarras, produzir arte comunicativa para o povo, sendo esse não só mais o modelo para a criação, mas sim um agente participante da obra.

Se inspirando no projeto Varal Variante, o coletivo passa a ocupar espaços e eventos com varais onde eram penduradas impressões de suas obras, esse era a forma mais comum das exposições mexistas (figura 8). A resignificação do espaço expositivo e contato direto do público com os artistas era o grande diferencial da proposta, mostrando um novo caminho de se estimular um movimento cultural na cidade.

Figura 8 - Montagem de varal com obras do coletivo, no evento O Olho da Rua, 2017



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=530290170658069&set=pcb.530297613990658>

Apesar de fazer parte do coletivo desde o início, minha produção estava estagnada, não reconhecia uma identidade artística própria. Fui encontrar tal identidade somente em 2017. Durante o evento do Movimento Cultural O Olho da Rua, realizado pelo grupo Macumba em Uberlândia, tirei fotos de amigos do coletivo que estavam expondo no evento, essas seriam as fotos que gerariam a ideia para a criação da página Meus Parças.

As fotos (figura 9) foram postadas em meu perfil pessoal, o que gerou um certo estranhamento ao olhá-las em conjunto com o restante das publicações. Me veio a ideia de criar uma página nova para esse tipo de registro, então criei a conta no Instagram, Meus Parças.

O tempo com os Mexistas me mostrou que a arte pode se manifestar de diversas formas e sua produção não precisa ser algo institucionalizado, ou uma produção com uma elaboração extensa e profunda. Meus Parças surgiu com a genuína vontade de retratar meus amigos, essência que marca toda a trajetória até hoje.

Figura 9 – Primeiros registros Meus Parças, de Larissa e Bruno acima e Cleo e Emilio abaixo



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

Entendo, hoje, essa vontade de trabalhar com o retrato e suas possibilidades, que caminha ao meu lado desde o início de minha formação como artista. A resignificação do retrato nesse caso, vai para além das edições e manipulações, ela se baseia no registro histórico de um pequeno nicho cultural da cidade (meu círculo de relações) e na criação de uma rede de conexões através do aplicativo Instagram, a qual se estende por conta do fácil compartilhamento, dividindo esses registros com o público.

Capítulo 2 – A Criação da Página Meus Parças

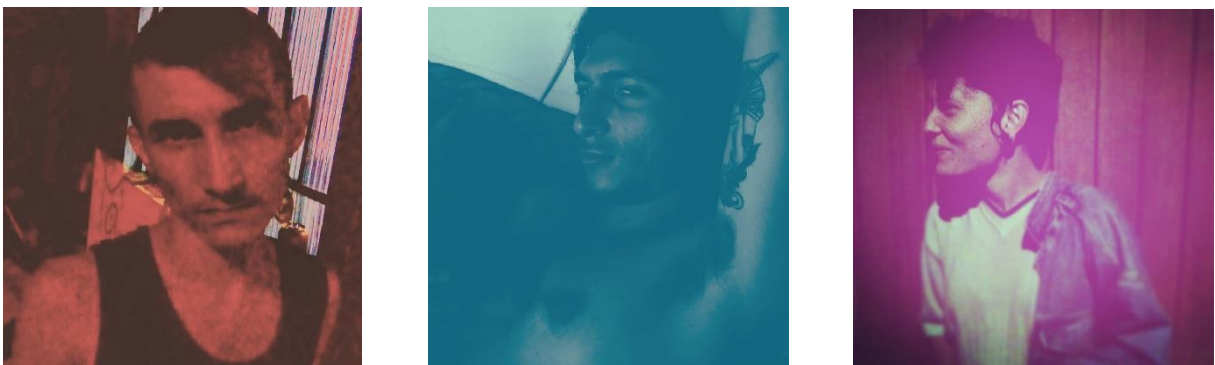
Em setembro de 2017, no quintal da república dos artistas Thiago Bertoni e Rodrigo Greppe, durante um encontro com amigos, a ideia de criar algo que fosse único surge a partir da percepção do deslocamento dos registros publicados, como citado anteriormente, assim, crio uma página única para tal tipo de registro.

Buscando uma nova forma de explorar a criatividade usando o Instagram como ferramenta de produção, levo o nome rede social ao pé da letra, criando a página em que a minha rede de relações toma forma e imagem, nomeando-a de Meus Parças.

No início das postagens, eu retomo aquele sentimento de tentar explorar as possibilidades do tema retrato. As edições dos registros sempre foram em busca de uma estética própria. Ela se inicia em uma experimentação com as ferramentas de edição do próprio aplicativo Instagram. O editor do aplicativo conta com funções como: contraste; saturação; brilho; cor (luz, sombra); realce; sombra; nitidez; estrutura; lux; e a vinheta. Essas funções complementaram no estudo para tentar encontrar uma estética Meus Parças.

Neste primeiro momento a função da cor era muito utilizada, com o intuito de representar a cor que o registro me passava, seja seguindo até as cores presentes na foto, ou por algum sentimento da hora. As cores eram as mesmas atribuídas para a luz e a sombra, estabelecendo um filtro sobre a imagem (figura 10).

Figura 10 - da esquerda para a direita: João Pedro, Lucca e Larissa.



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

A cor sempre foi um ponto importante para o trabalho, estando sempre presente. Decido dar cara a essa página, tentando trazer um aspecto mais urbano para sua estética, com isso, busco algo que simbolizaria a página. A partir de um registro, no qual alguns amigos posam ao lado do busto de Genésio de Melo Pereira (localizado a frente da biblioteca da UFU), faço uma

arte usando-o de base. O diferencial desse busto são os óculos escuros que meus amigos colocaram (figura 11), atingindo o efeito que eu buscava para ressignificar tal imagem.

Figura 11 - Tiago, Keila e Luyz ao lado do busto utilizado como referência para a arte



Fonte: Acervo Pessoal

Através da pintura digital feita pelo programa amigos posam, crio a arte que ditaria o processo para toda essa parte da produção do trabalho (figura 12). Utilizando a foto como base, faço uso da ferramenta pincel para fazer a linha do desenho. Com essa base pronta sigo para adicionar as cores ao fundo, como estava à procura de um aspecto mais urbano, adiciono cores mais plásticas (roxo, azul celeste, rosa e amarelo), definindo uma paleta que percorrerá todo o trabalho mais à frente.

Esse processo de desenhar sobre a foto se estende até hoje, o método consiste em identificar manchas dadas pelo próprio registro e integrá-las à imagem através da cor. Assim criando através do retrato uma nova forma de enxergar essas relações, para o trabalho individualmente e para o público.

O desenho digital passa a afetar diretamente a edição das fotos que são postadas, partindo desse aproveitamento das manchas, passo a focar mais nos contrastes e saturações das cores, para identificá-las mais facilmente. O que acaba sendo também uma forma de tentar

aproximar essas duas estéticas a uma unidade do trabalho Meus Parças. Nas imagens abaixo (figura 13 e 14) há um exemplo dessa experimentação, colocando em comparação a foto original da postagem e o desenho realizado a partir dela.

Figura 12 - Primeira arte digital das experimentações Meus Parças



Fonte: Acervo Pessoal

O intuito inicial desses desenhos consistia na veiculação do trabalho, transformá-lo em físico, porém o meio dessa veiculação promocional não era definido ainda. A primeira ideia se baseava em confeccionar camisetas com as artes, esta foi descartada pois não era muito viável e os retratos traziam algo muito íntimo para servir de estampa, algo muito pessoal. Acompanhando os Mexistas, havia a opção das impressões, mas ainda não havia chegado no formato ideal, ainda parecia muito pessoal para comércio.

Figura 13 - Arte digital e Registro feitos de Felipe Sant'anna



Fonte: Acervo Pessoal/ <https://www.instagram.com/meusparca/>

Figura 14 - Arte digital e Registro feitos de Calisson Arthur



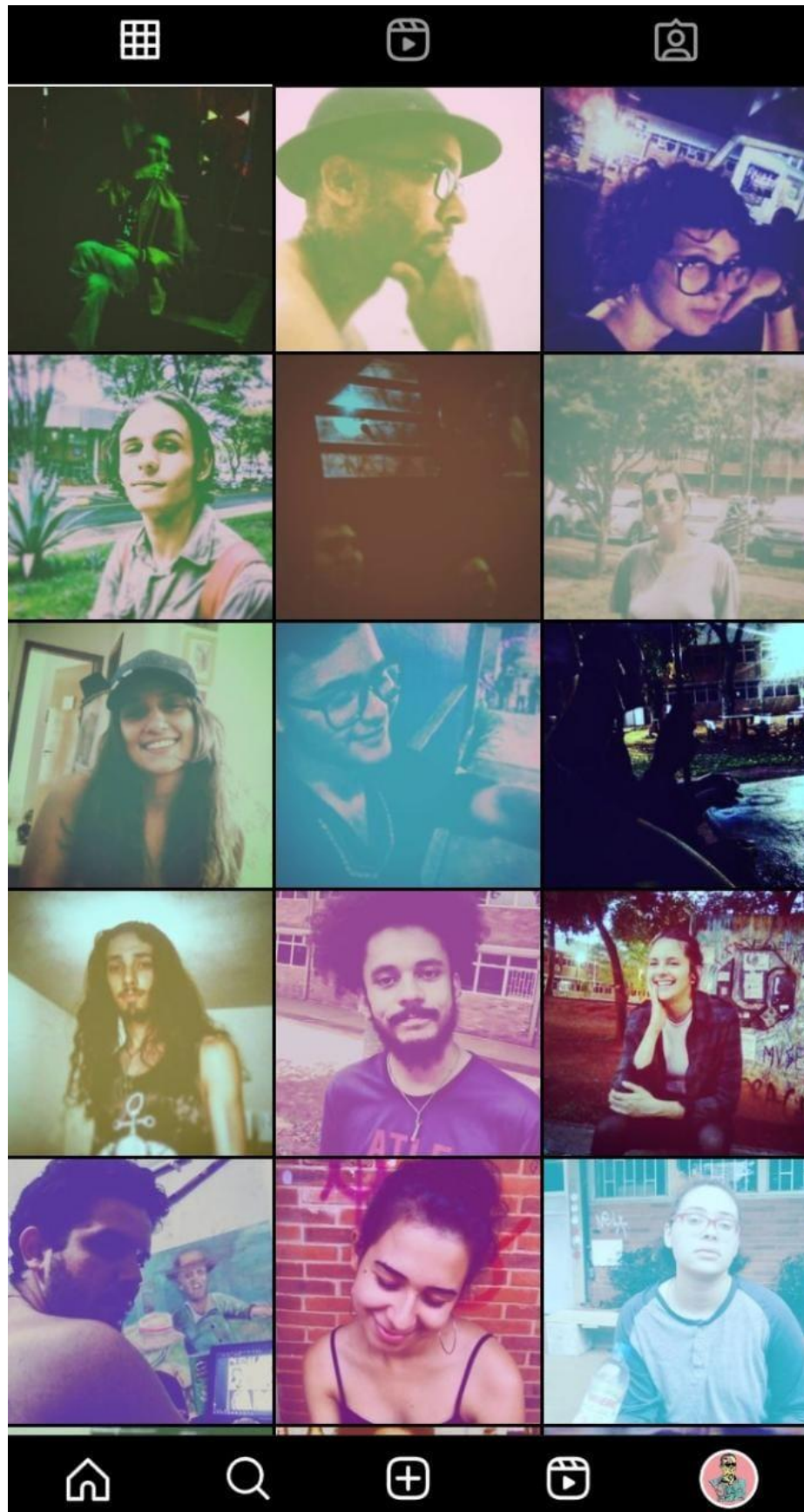
Fonte: Acervo Pessoal/ <https://www.instagram.com/meusparca/>

A resposta para esse formato de trabalho, foi a do adesivo. Ligando à estética buscada do urbano, o adesivo toma a forma perfeita para veiculação, além de serem práticos tanto na confecção quanto no transporte, pois ele mantém a essência pessoal do retrato se unindo ao cenário urbano/cotidiano de lugares da cidade. O formato dos adesivos seguiu a arte original, mantendo seus fundos e sendo recortados geralmente sem margens.

Nesse primeiro momento, Meus Parças contempla 3 áreas de atuação: as publicações postadas no Instagram; a arte digital feita através desses registros; e os adesivos sendo veiculados na rua. Mesmo assim, o Instagram continua a ser a ferramenta principal do trabalho, que acaba se tornando um banco de registros, propondo uma interação baseada na tentativa de aproximar relações através da memória.

A página tem a proposta de se diferenciar de outras contas do Instagram através do propósito de celebrar relações com os retratos em forma de registros, seguindo seu nome à risca.

Figura 15 - Visão geral da página Meus Parças em seu início



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

Capítulo 3 – Estabelecimento da Estética

O ano de 2018 teve uma grande produção do trabalho Meus Parças, rendendo um alto número de postagens e artes novas para os adesivos, o que por sua vez acabou solidificando a ideia de como o trabalho interagia com o público, dando a ele um reconhecimento dentre a própria rede que ele representava. Para tentar ampliar o efeito dessa nova abrangência crio uma espécie de personagem/persona do que seria Meus Parças.

Este ano é o que teve mais registros postados na página, quantas mais postagens mais característica é dada à edição. Assim, a estética da própria página acaba se refinando juntamente com a produção do desenho.

A função da cor, que antes agia como filtro, agora se atém mais às sombras e luzes, se mantendo ainda na edição da imagem de forma mais sutil, como demonstrado nos registros abaixo (figura 16), evidenciando os valores do registro original.

Figura 16 – Registros de Kainã, Thales e Vaine; Jamalsk MC; e Puff



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

As experimentações e estudos sobre os desenhos continuam, a exploração maior foi sobre como a figura humana se relaciona com o fundo da imagem. Pensando no adesivo como suporte para a exibição das artes, vários testes foram feitos (figura 17): tentar simular uma iluminação que poderia ser dada pelo registro; aproveitar de linhas e perspectivas presentes nas imagens; ou até mesmo deixar a imagem original de fundo atrás da figura.

Figura 17 – Experimentações feitas a partir dos retratos registrados



Fonte: Acervo Pessoal

A venda de adesivos nas ruas se inicia nesse ano, suas dimensões iam de 5cmx5cm até a 10cmx10cm, o material utilizado era adesivo de papel simples, e seus preços eram um adesivo por 3 reais e dois adesivos a 5 reais, pensando na acessibilidade de compra dos mesmos.

Oferecer os adesivos, em eventos, nas ruas ou até mesmo na universidade, se tornou um hábito, senti mais próximo do público da minha página, além de apresentar arte para pessoas que não possuíam um contato direto com ela. Esse período de vendas foi de extrema importância para o entendimento da dinâmica desejada para com o público, dinâmica essa voltada para a acessibilidade dos produtos que o trabalho Meus Peças possa resultar.

Com o tempo desenvolvi dois artifícios para fortalecer a prática de interações e venda nas ruas: o primeiro foi a personificação da estética do trabalho através do meu vestuário, com três peças, uma touca azul, uma camiseta laranja, e o mais importante, os óculos transparentes amarelo, o qual se tornaria o item mais simbólico do personagem; o segundo processo foi o de reunir adesivos produzidos por artistas dessa rede formada pelo trabalho, assim oferecendo-os à venda juntamente com os meus.

A criação dessa persona Meus Peças através do vestuário (figura 18) foi sendo construída com o tempo. Ela possui a intenção de aproximar as pessoas do trabalho e da estética de uma forma mais descontraída, considerando que o figurino seja um tanto incomum.

Figura 18 - Retrato feito pelo artista Vaine do figurino Meus Peças.



Fonte: Acervo Pessoal

Os óculos amarelos acabaram se tornando um símbolo do trabalho. A partir do momento em que as pessoas pediam para utiliza-los e ver o mundo através da visão Meus Parças. Eles são transparentes e mudam as tonalidades das cores vistas ao colocá-los. Essa interação aproximou diversas pessoas do trabalho, com uma visão participativa, ao colocar os óculos, você também é Meus Parças (figura 19).

Figura 19 - Lauana, Paulo e Ana em registros postados utilizando os óculos em questão.



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

O segundo processo de impulso para as vendas foi reunir adesivos de artistas da rede formada pela página Meus Parças. Essa ação se mostrou significativa no quesito de firmar essa rede a partir dos trabalhos reunidos, além de abrir reflexões para a realização de trabalhos futuros representando os artistas através de suas produções, não somente seus retratos.

Vender nas ruas, mesmo se mostrando um trabalho desgastante em alguns momentos, me ajudou a criar e reafirmar muitas conexões, ampliando a rede de relações do trabalho. Um período o qual deu mais visibilidade à página, contribuindo para sua afirmação como trabalho artístico.

A interatividade nas redes sociais passou a ser maior, mostrando um aspecto de álbum de fotos público (só possível por conta da rede social). Tais interações passaram a conectar ainda mais essa rede comunicativa através do retrato, a solidificando.

Juntamente com a materialidade do adesivo e do figurino, Meus parças tenta se expandir para além da rede social, mesmo ela sendo sua principal ferramenta de trabalho. Ao trazer os elementos estéticos do virtual para o real, o intuito é não necessitar somente da rede social como intermediadora, possibilitando outras formas de produção.

Dois dos pensamentos dessa época permeiam as próximas fases de produção Meus Parças: a busca da retratação mais aprofundada, mostrar a produção da rede comunicativa, afim

de divulgar os trabalhos como um meio de comunicação; e a busca por novas maneiras de produzir sem depender, somente, do Instagram como intermediador entre a arte e o público.

O próprio processo criativo pede essa abertura de novos horizontes, novas percepções, para a ampliação de seu campo de atuação artístico. Assim se inicia uma nova fase de se pensar no Meus Peças, com tentativas dessa expansão para novas linguagens que possam sanar essa necessidade do trabalho.

Figura 20 -Visão geral da página na segunda metade de 2018.



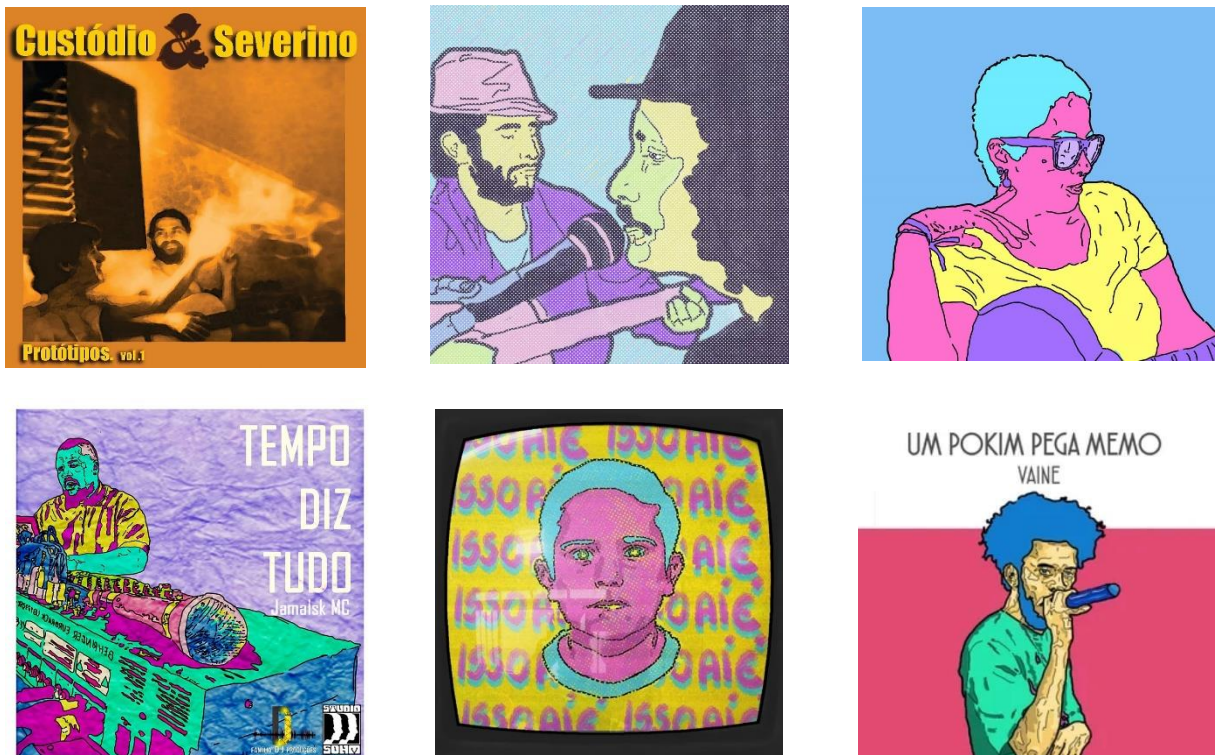
Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

Capítulo 4 – Busca da Ampliação do Campo de Atuação

Os primeiros trabalhos dessa busca de novos meios para se produzir começam de um modo participativo. Passo a produzir artes de capas para álbuns e EPs de artistas da rede e gravar shows do artista Vaine.

As artes utilizadas para capas são produzidas de forma orgânica, na medida que acompanho os processos de criação e gravação desses artistas. Este acompanhamento auxilia no entendimento do produto a ser criado, a partir de trocas e momentos que acontecem nesse período.

Figura 21 – Capas feitas a partir da estética do trabalho Meus Parças



Fonte: Acervo Pessoal

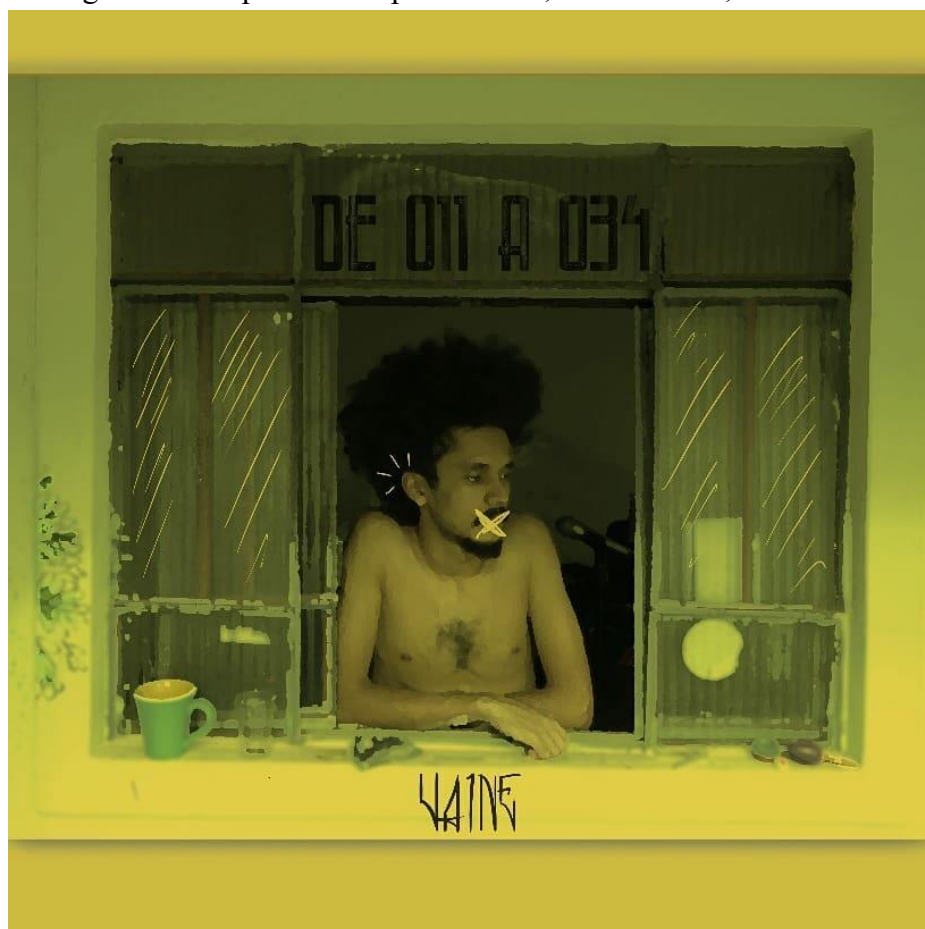
As capas acima (figura 21) são, respectivamente da esquerda para a direita: o primeiro EP de Custódio & Severino, dupla de amigos participantes da banda Cinema Invisível, os quais decidiram se aventurar em um projeto de dueto; a arte feita para a capa do EP Erê de Matheus Bruno Neves e Kainã Bragiola, gravado na maior parte na minha casa, esse EP é uma celebração da amizade de anos entre os dois; a capa do álbum No Embalo do Cinema, da Banda Sem Título formada por Matheus, Vaine, Isabella Filgueira, Larissa Ribeiro e Emílio Sene, também gravado aqui em casa; a capa do single de Jamalsk MC, Tempo Diz Tudo, de gênero totalmente diferente dos anteriores, mas que também acompanhei o caminho de produção do artista; o

primeiro álbum de Matheus Bruno Neves, Isso Aí É, feita em parceria com o artista João Pedro Dias; e por fim a arte de uns dos primeiros adesivos desenhados de Vaine, a qual ele utilizou para a capa de seu single, Um Pokim Pega Memo.

Tais artes me mostram que o trabalho Meus Parças, formando sua própria rede, passa a acompanhar o progresso dos artistas que ele representa, como em uma relação de cooperação. Esse sentimento só se dá através dessa produção próxima com os registros e fazendo parte da história desses artistas por contribuições artísticas.

Meus Parça já marcava os momentos da história de sua rede, um passo a mais para os registros da página veio quando Vaine lança sua primeira mixtape, de 011 a 034 (figura 22). Vaine morava em uma república de amigos que eu frequentava, assim, vi a construção dessa mixtape ao longo dos anos, e foi um momento muito importante para mim como artista quando gravei o show de lançamento dessa mixtape.

Figura 22 - Capa da mixtape de Vaine, de 011 a 034, 2019



Fonte: <https://www.youtube.com/@VaineRap>

Figura 23 -Cena registrada do show de lançamento de 011 a 034, no Baile Amor, 2019



Fonte: Acervo Pessoal

A gravação do show de lançamento foi realizada, com o auxílio de Emílio Sene e Thiago Paulino, com o fim de gerar imagens para o artista. O show contou com a participação musical de Matheus Bruno Neves, Kainã Bragiola e Natânia Borges (figura 23). Matheus e Kainã decidiram subir ao palco partes do figurino Meus Parças, onde Matheus veste a touca azul e Kainã os óculos amarelos (figura 24), demonstrando a união estabelecida entre nós quanto a produção e relação.

Figura 24 -Cena registrada por Thiago Paulino do show de 011 a 034, no Baile Amor, 2019



Fonte: Acervo Pessoal

A partir desse momento comecei a perceber outras formas de registrar os artistas da rede Meus Parças e como divulgar seus trabalhos. Pensando em novas linguagens, as quais dariam margem para ampliar o valor do registro, me uno a Jamalsk MC com a ideia de realizar uma entrevista com o artista Vaine (figura 25).

Figura 25 - Entrada de Vaine na primeira entrevista Meus Parça, 2019



Fonte: https://youtu.be/iILD_SU9aSk

Com o intuito de ajudar na divulgação de seu trabalho e tentar explorar essa outra forma de registro, a entrevista foi realizada na residência de Jamal. Todo o cenário foi montado com o tema da mixtape e uma estética própria do entrevistador, concedendo um visual único para a gravação (figura 26). Um dos detalhes mais interessantes desse cenário é a própria caneca azul que está na foto de capa da mixtape de 011 a 034. Jamal também teve o interesse de colocar referências próprias no cenário, como a camisa do Sabotage ao fundo, uma caneca do Corinthians e também pensou em seu próprio figurino.

Duas câmeras foram utilizadas nas gravações, uma câmera digital profissional a qual captava imagens de diferentes ângulos, nas mãos do artista Emílio Sene, e outra câmera de qualidade mais baixa que ficava fixa gravando um plano frontal.

O roteiro da entrevista foi elaborado por mim e Jamal, procuramos abranger o conteúdo da entrevista para o percurso do artista Vaine até esse momento de lançamento da mixtape de 011 a 034, rendendo pouco mais de uma hora de gravações.

Figura 26 - Cena da Entrevista Meus Parça de Jamal, captada por Emílio Sene



Fonte: https://youtu.be/iILD_SU9aSk

A edição foi realizada pelo artista Keynni Júnior, seu trabalho foi essencial para o lançamento da entrevista. Keynni monta a vinheta inicial da entrevista a partir de uma animação baseada nos trabalhos e na estética Meus Parça. Cria também um template (figura 27) para ajustar a disparidade de dimensões e qualidade das imagens registradas pelas duas câmeras diferentes.

Figura 27 - Trecho representando o template criado por Keynni Júnior para a entrevista.



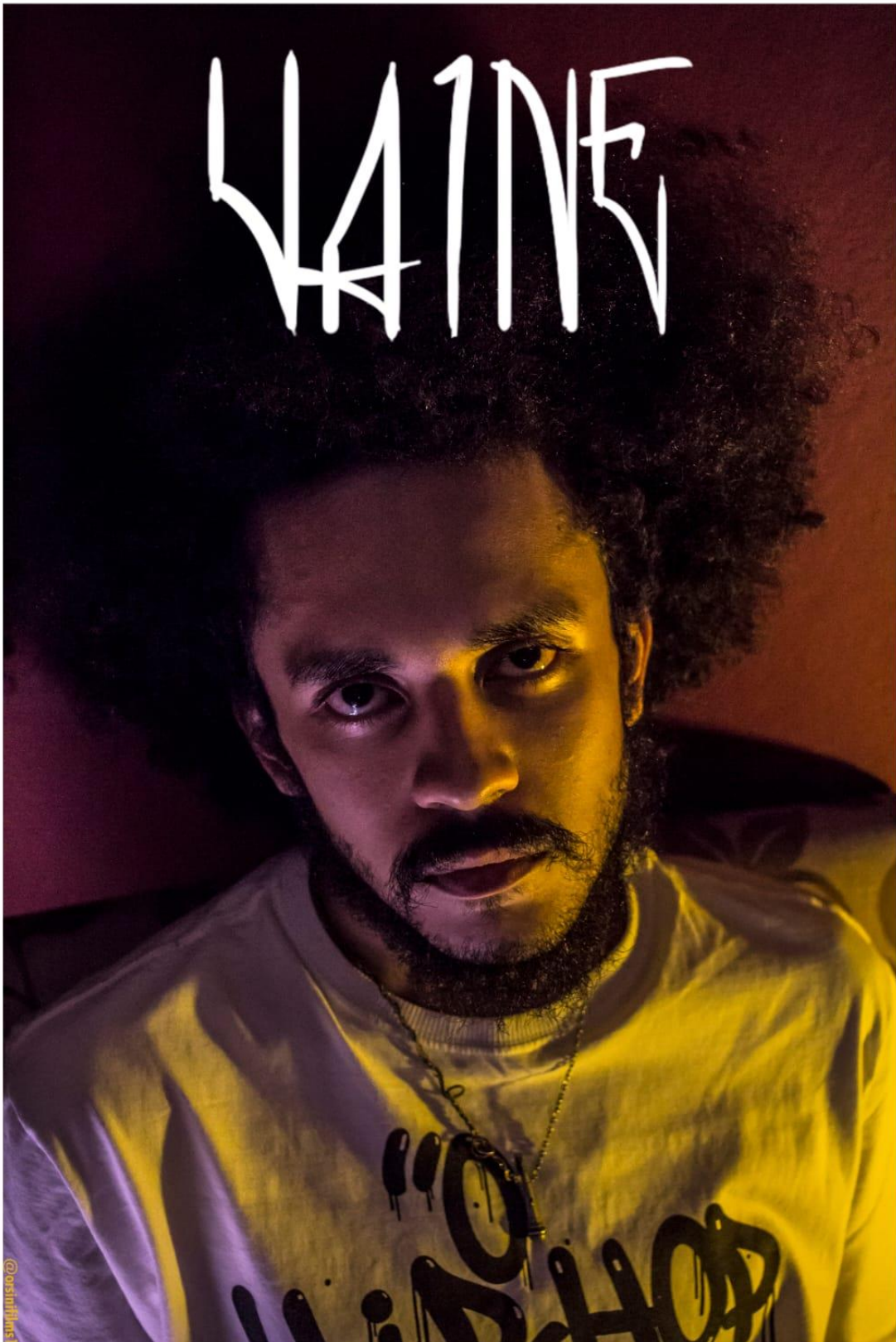
Fonte: https://youtu.be/iILD_SU9aSk

A partir desse processo de realização da entrevista, me inspiro a iniciar, o que seria, a minha primeira proposta para o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso. O projeto tinha o enfoque nessa ampliação da capacidade de registro do trabalho, buscando se tornar um canal comunicativo de apresentação e divulgação do trabalho autoral feito pelos artistas dessa rede formada através do Meus Parça. O meio de tal veiculação escolhido foi a revista, escolha essa que também tenta se desvincular da necessidade da rede social como a intermediadora com o público, na intenção de acessar um público diferente do que já acompanham o trabalho pelo Instagram.

A matéria de capa seria a própria entrevista com o artista Vaine, a qual foi redigida completa e diagramada em algumas páginas, como na figura 28 e 29. Faço uma arte de Vaine para utilizar como capa da revista, a partir de um take do show de lançamento da mixtape, representada na figura 30.

A primeira edição da revista também iria contar com duas histórias em quadrinhos curtas: uma realizada pela artista Márcia Maria, desenhada e finalizada com a técnica da aquarela, a artista traz uma crítica sobre o agronegócio e seus efeitos na natureza local; e outra realizada pelo artista Emílio Sene, a qual trazia uma reflexão mais poética e filosófica através do desenho (figura 31).

Figura 28 – Capa da entrevista dentro do conteúdo da revista



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 29 – Entrevista Redigida e Diagramada

Entrevista Vaine

J: Como foi o lance da criação com o Roça?

V: O Roça Records é um selo de Hip-hop que a gente criou aqui na cidade de Uberlândia. Surgiu de uns cara que já era amigo, trampava junto e se ajudava, a gente resolveu solidificar isso para que conseguíssemos trampar mais e melhor junto, fazendo coisas mais significativas. O principal quando a gente criou o selo, era produzir eventos que fomentassem a cena do Hip-hop em Uberlândia, então agente chamou os artistas, trouxe a Bruna Muniz, o Bata-taKilla, trouxe o Negus, Hellibrown, num formato de que, um dia era uma palestra sobre a vivência e a atuação dos caras dentro da cena, e no outro dia, o show. E trouxe o Marcelo Gugu que fez o Infinity Class, no mesmo formato. E acabou que na produção de evento, a gente deu uma desanimada, porque tá cada um no seu corre, e fazer evento desse porte numa cena como a de Uberlândia, que ainda tá crescendo e se desenvolvendo, é um risco, e nem todo mundo tem a grana pra assumir o risco financeiro disso. Então entre alguns B.O.s e prejuízos, os eventos ficaram em segundo plano. Mas a gente se mantém junto e tramando, agora está funcionando de um jeito focado na nossa carreira musical mesmo.



J: Os empecilhos de produção de evento cultural

V: Fazer coisa na rua é quase impossível, em casa também, policia toda hora, e pra você conseguir um alvará é difícil pra caramba em Uberlândia, pro nosso seguimento no rap é difícil, porque não tem o mesmo público que teria em grandes centros. É difícil você trazer um artista que você consiga pagar, sem assumir um risco que seja uma loucura e que você garanta que vá vir gente. É difícil você trazer um Djonga, que é certeza que todo mundo quer ir ver, se não tem a grana pra bancar o cara, e tudo é muito caro, acho que essa é a maior dificuldade. Temos de desenvolver meios para ter essa questão estrutural de conseguir fazer evento, e além da questão financeira, tem a de espaço. Uberlândia está cada vez mais difícil encontrar espaços que possa fazer evento, fazer show, casas que estejam dispostas a abraçar esse tipo de ideia.

J: Pensando na questão que você falou do Djonga, que é foda trazer, porque é caro demais, mas e a galera daqui? Também não faz um rap? Por mais que o povo quer ver os outros mano, que que você acha sobre a desvalorização local?

V: Acontece em todos os meios, porque gente consome arte com a fetichização da figura do artista. Então não só o que ele faz, é o cara, a figura que foi construída ali naquela pessoa, naquele artista. Aí quando você é um cara que tá no anonimato não tem isso, então a galera vai receber o que você faz de outro jeito, mas acho que é uma via de mão dupla, a gente pensa às vezes "Ah paga não sei quanto pra ver os shows dos cara foda, mas não vai no show do amigo", o amigo também tem que oferecer um trampo para que seja um show daora. Às vezes eu acho que a gente fica só nesse discurso de esperar o apoio, mas as vezes cê nem está investindo para fazer um show doido, então tem que ter esse cuidado também, cada vez mais no rap mesmo, às vezes a gente fica muito nesse discurso de tem que ter mais união, mais apoio, e não tamo olhando para o que a gente tá deixando de fazer. Então acho que a gente tinha que se organizar, distribuir o som na internet de uma forma adulta, pensada, estratégica, investir no teu show, investir o dinheiro que você conseguir investir no teu trampo, mesmo que seja pouco, porque isso que vai fazer você melhorar estruturalmente, oferecer um produto melhor pras pessoas. Acho que o primeiro passo tem que vir da gente, investir em nós mesmos e buscar se profissionalizar cada vez mais.



J: Desvalorização da arte?

V: Essa dificuldade está presente em qualquer meio relacionado a arte, porque é uma linguagem desvalorizada na sociedade, seja em qualquer área, seja artes visuais, artesanato, música, teatro, porque as pessoas acham que não precisam dessas coisas, precisa do médico, mas não precisa do artista. Não precisa o caraio, sem gente fazendo arte isso aqui tinha explodido já, ninguém aguentava viver mais nisso daqui mano. A galera consome música o tempo todo, consome filme, série, consome imagem pra caraio em todos os sentidos, e fala que não precisa do artista, aí o nosso produto que é a nossa arte ela não é entendida como um serviço, um produto. Então ela entra nessa relativização do quanto vale, ou do quanto merece ser pago.

Figura 30 - Capa proposta para ser a capa final do projeto



Figura 31 - Capas dos quadrinhos de Márcia e de Emílio, respectivamente.

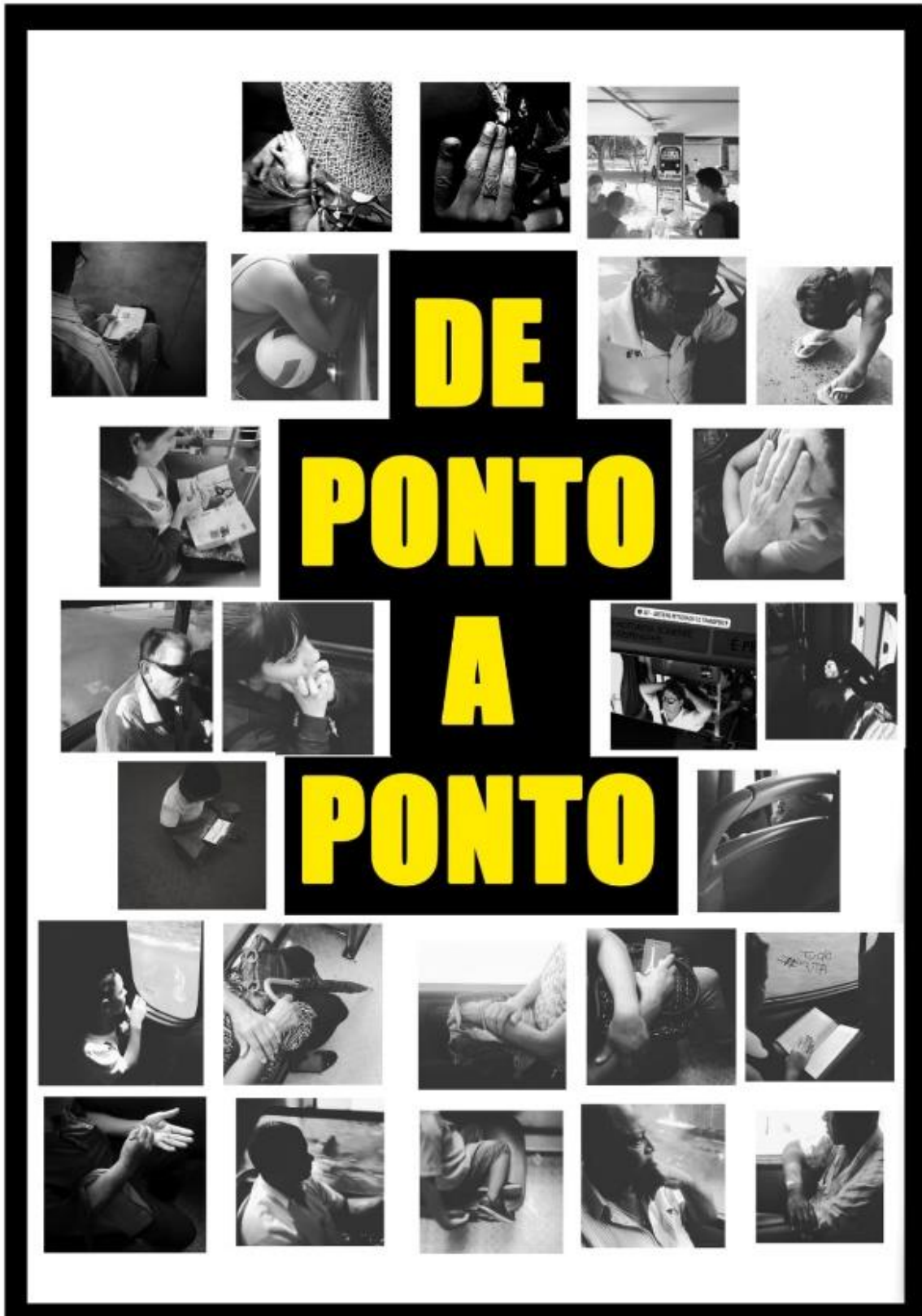


Fonte: Acervo pessoal

Uma sessão especial também seria criada para apresentar alguma série/obra de algum artista, o escolhido para essa edição foi Thiago Paulino com a série de fotos De Ponto a Ponto (figura 32 e 33). O trabalho consistia em diversos retratos em preto e branco registrados durante viagens de ônibus, trazendo uma sensibilidade sobre o olhar de tais momentos.

Também selecionei três textos, Skate em Foco (figura 34) pelo skatista Gabriel Rezende, que descreve a importância social da prática do skate como esporte, e mais dois poemas autorais, um de Bárbara Ferreira e outro de Gabriela Gardin (figura 35).

Figura 32 – Capa da matéria De Ponto a Ponto, de Thiago Paulino, apresentada na revista



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 33 – Modo de apresentação da série nas páginas



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 34 – Texto de Gabriel Rezende, Skate em Foco

Skate em Foco

Gabriel Rezende (Tuts)



O skate vem passando por várias mudanças desde a sua criação em meados dos anos 60's até nos dias de hoje, seja no modelo de shape, no tamanho das rodinhas, no estilo de manobra, no estilo musical que os skatistas escutam, no estilo de vida que skatistas levam....

Em 2016 a comunidade internacional do skate foi afortunada com uma ótima notícia, o skate passara a ser um esporte olímpico e sua estreia será em 2020 em Tokyo.

No Brasil o esporte a priori era elitizado pois demandava de importação de peças que de alto valor e totalmente desconhecidas para a população com menor acesso a informação, mas com a sua popularização mundial devido a globalização conseguiu atingir todas as classes.

Os skatistas brasileiros têm respeito mundial pois são pioneiros de estilos de andar (swich) e de manobras que definem tendências mundiais como na modalidade vertical que o Sandro Dias inventou o 900°. Eles também possuem vários títulos em campeonatos internacionais como o uberlandense Ricardo Porva, o catarinense Luan Oliveira, o paulista Tiago Lemos, o brasiliense Felipe Gustavo.

Mas nem sempre foram todas as maravilhas! O skate já foi proibido e caçado no Brasil, por puro preconceito, nos taxavam como marginais pelo simples amor ao esporte.... É triste que ainda hoje julgam os skatistas como vândalos, ladrões e viciados em drogas, mas isso acontece porque não conhecem a realidade da cena. Segundo dados de uma pesquisa feita pela Redbull o skate é o segundo esporte mais praticado no mundo perdendo apenas para o futebol.

Existe uma demanda por espaços para se praticar o esporte que sejam atualizados à nível mundial estruturalmente e socialmente para que haja uma evolução dos praticantes e quem sabe ajudar o próximo Luan Oliveira a concretizar o seu sonho.

Eu juntamente com meus amigos da universidade federal de Uberlândia, desenvolvemos um grupo chamado Skate Vandal Crew (@skatesvc) para promover o nosso querido esporte e mudar essa concepção preconceituosa que as vezes nos impede de praticar o esporte e desenvolver habilidades que apenas depois de muito treino possam ser alcançadas. Já desenvolvemos campeonatos beneficentes diversos campeonatos ao longo da nossa existência de 1 ano e 5 meses e estamos desenvolvendo o calendário para fazer eventos o ano todo.

E já vemos mudanças, mas o que realmente queremos é prover para toda criança a oportunidade de praticar esse esporte maravilhoso nas melhores condições possíveis, pois uma criança andando de skate é uma criança a menos no mundo do crime e das drogas, é um a criança saudável e com uma filosofia de não desistir de tentar pois o gostinho da vitória é muito satisfatório.

Infelizmente enfrentamos barreiras econômicas, culturais e políticas. No sentido econômico a barreira principal é o preço de um skate e dos equipamentos para se praticar o esporte em segurança. As barreiras culturais são que os skatistas são vistos como marginais e vagabundos que não tem nenhum futuro promissor diante da sociedade capitalista. E as barreiras políticas é que carecemos de investimentos para efetivar nossos projetos de construção de pistas de skate gratuitas que consigam suprir a necessidade do grande número de habitantes da cidade 676.6613 mil em 2017 segundo o IBGE.

Mas nós do skate vandal crew não desistiremos e conseguiremos mudar essa triste realidade!

Figura 35 – Texto de Gabriela Gardin, disponibilizado para a revista

a culpa por não existir

**culpada por dizer não
quando na vida
vi moços dizerem sem nenhum problema**

**culpada por dizer sim
quando na vida
eu deveria ser só figurante de cinema**

**culpada quando falo
porque tinha um jeito mais doce de dizer o
que eu disse
talvez o melhor jeito
é não dizer**

**culpada quando não falo
porque tinha uma chance de dizer o que eu
queria que fosse dito
mas eu não quero arcar
com a culpa de ter existido**

**culpada quando dou a cara a tapa
culpada quando não tenho cara**

**culpa que me persegue seja eu
expansiva
tímida
gritante
ou na minha**

**culpa que não me larga
se eu falo
ou se eu calo**

**culpa por não existir
culpa por ter tido coragem de existir**

**culpa por ser legitimada
"caraca alguém poderia ter dito melhor"
culpa por ser caçoada
"caraca deveria ter ficado calada"**

**culpa até
por pensar
fique quieta aí mocinha
não pense muito
vai que eu falo
...não quero me arriscar**

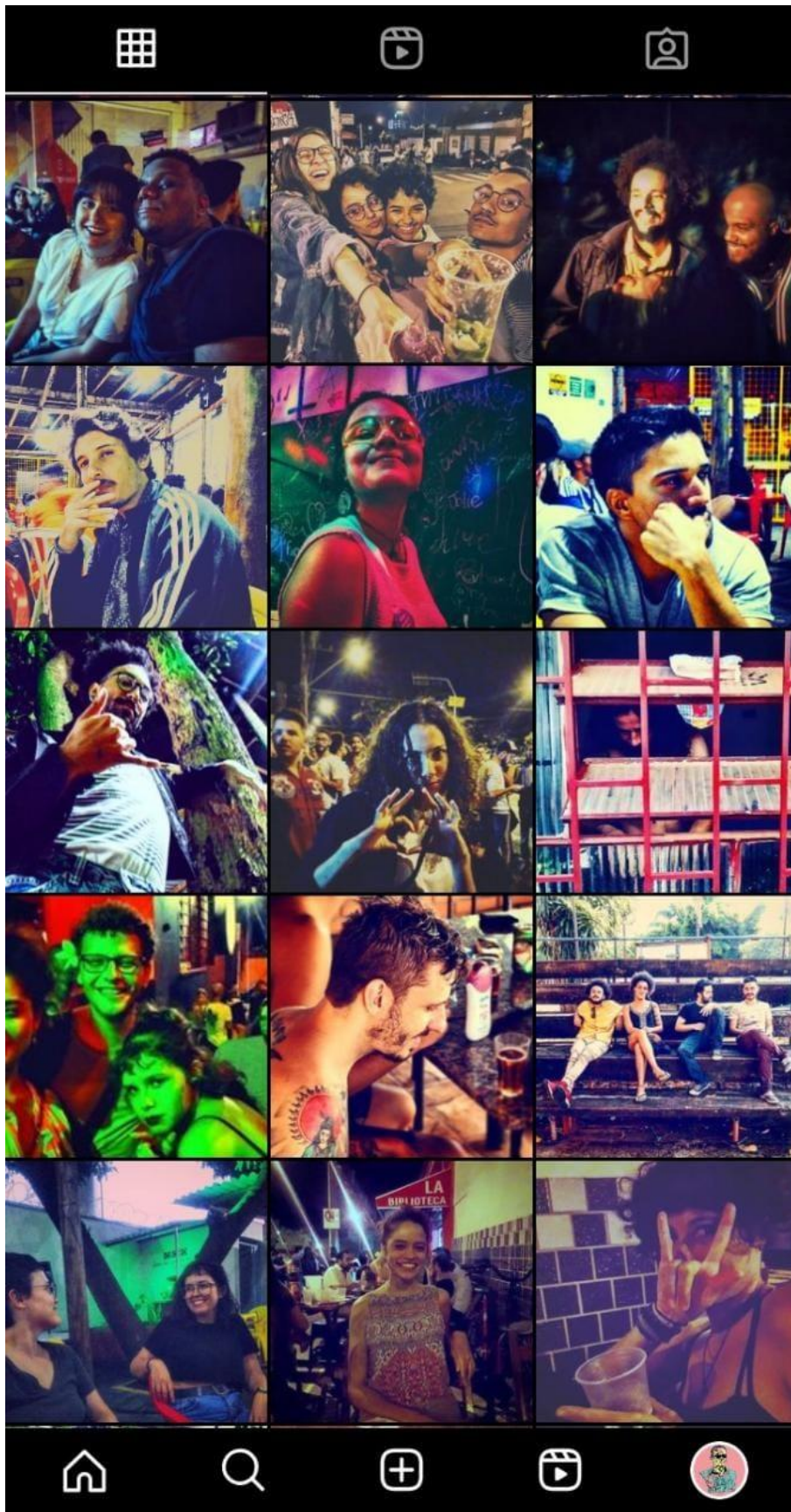
**e se sai n'um soluço
...me perdoa me perdoa eu nunca deveria
ter dito
não sei pra que penso
não sei pra que existo**

Gabriella Mobarak Gardin

Nessa coletânea de trabalhos iniciais, sentia que o objetivo de contemplar um número bom de artistas da rede foi alcançado e consegui representar bem a diversidade da mesma, porém a revista não chegou a ser finalizada devido a diversos fatores, como: a minha inexperiência em relação a diagramação, o que fazia o trabalho ser mais demorado e não alcançando o resultado esperado para a revista; e a dificuldade financeira para realizar as impressões do projeto, tendo em vista que o mesmo não tinha em seus desejos o retorno financeiro, mas sim a veiculação acessível da revista. Esse atraso para seu lançamento acabou por me desanimar, pois a sua matéria principal já estava datada, sendo que Vaine estava perto de lançar sua segunda mixtape.

Apesar da frustração de não conseguir lançar a revista a tempo, o próprio processo de produção da mesma rendeu diversas trocas e conexões com outros artistas interessados pela arte independente local. Uma dessas trocas foi feita com o artista audiovisual Humberto Prado, o qual me faz a proposta de realizarmos um documentário juntos sobre o tema, baseado no trabalho Meus Parça. O projeto para o documentário foi enviado para o Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC) de 2020, tendo Humberto como proponente.

Figura 36 -Visão geral da página Meus Parça em 2019



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

Capítulo 5 – O DOC. MEUS PARÇA

O projeto inicial do documentário enviado para o PMIC, aprovado para a realização no ano de 2020, foi idealizado por mim e Humberto Prado, nele consistia entrevistar oito artistas com áreas de atuação distintas (cerâmica, Graffiti, música, teatro, áudio visual, dança, rap, artes plásticas), com o intuito de captar, de forma ampla, um plano geral da produção independente de Uberlândia, procurando pontos de convergências nas dificuldades e acertos de tal.

O início do projeto se deu pouco antes de estourar a pandemia do Covid-19. Fiquei encarregado de realizar a pesquisa para selecionar os artistas que seriam entrevistados, a ideia inicial era imprimir questionários que seriam distribuídos nas ruas para termos um material abrangente de fato. Com a quarentena em vigor, essa pesquisa teve de se realizar totalmente de forma virtual, assim almejei um grande número de contas de artistas ou que se referiam à arte da cidade, enviando tais questionários pelas redes sociais.

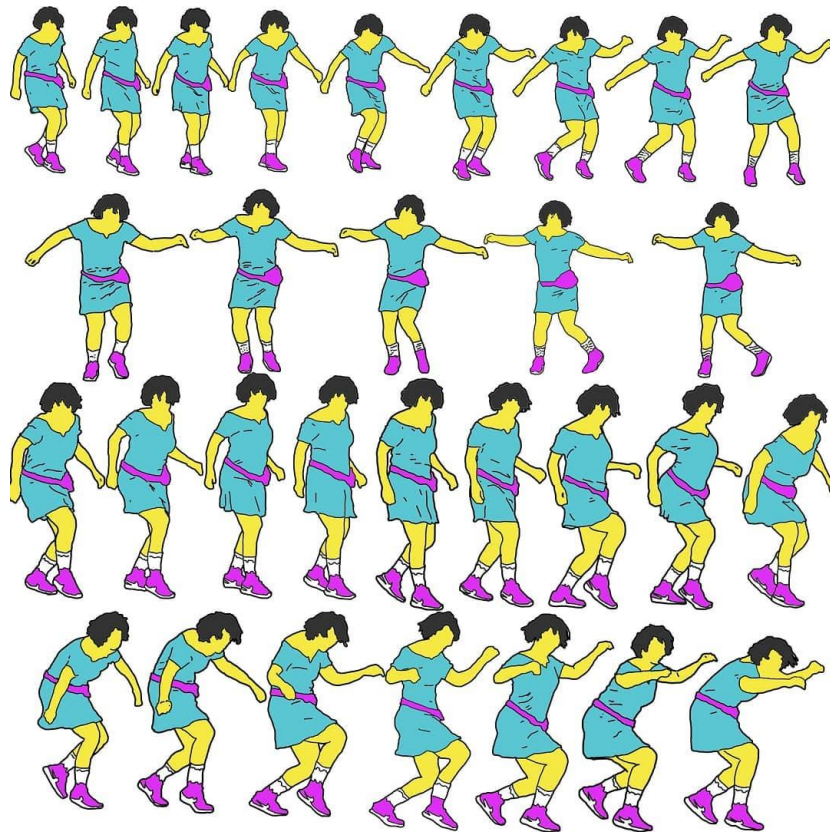
O questionário foi feito através da plataforma Google Forms e consistia em perguntas sobre a idade, área de atuação, trabalhos recentes, e artistas locais que inspiram suas produções. Após o levantamento desses dados, seria feita a seleção dos nomes, sendo que muitos artistas que responderam aos questionários citavam pessoas semelhantes como suas inspirações.

Até chegamos a levantar alguns nomes, porém o projeto teve de entrar em pausa, por conta da inviabilidade das gravações por motivos de segurança. As gravações só foram possíveis em 2022.

A página Meus Parça também entra em uma pausa de quase 2 anos por conta do isolamento, sendo que sua produção é necessariamente o registro dos encontros e relações, impossíveis no momento. A última produção após o início da pandemia foi um estudo de animações na estética Meus Parças (figura 37). O processo se dava através de fotos tiradas em sequência rapidamente, dando os frames para a animação curta, essas foram tiradas no período de carnaval de 2020.

Me reúno com Humberto em 2021 para pensarmos juntos uma readequação para o projeto, tendo em vista a mudança das pautas importantes para os artistas, dos preços acordados no orçamento inicial do projeto, e a disponibilidade de tempo restante para finalizarmos. Decidimos aproximar o documentário a ideia original do Meus Parça, escolhendo 3 artistas da rede, sendo eles: Vaine, rapper e artista visual; Cleiton Custódio, músico, professor e pintor; e Kainã Bragiola, músico, arte educador e artista visual.

Figura 37 – Testes para animação no estilo Meus Parças



Fonte: Acervo Pessoal

A intenção de reduzir o número de entrevistados foi com base no que nos era possível produzir na época, mas muito bem-vinda. Trazer a experiência de artistas independentes na cidade em diferentes períodos (tendo o primeiro enfoque na pandemia) de maneira mais intimista, um pequeno corte de como se é trabalhar com arte independente em Uberlândia.

Humberto e eu começamos a idealizar um novo roteiro, pensando no que buscaremos evidenciar dentro de tantas experiências dos entrevistados, gerando um roteiro para uma pré-entrevista, realizada por mim, com cada um deles. Sinto uma certa facilidade ao entrevistar esses artistas, principalmente por já serem parte da rede Meus Parças (onde já há um nível de amizade estabelecida), o que me dá a liberdade de trazer memórias e histórias não incluídas no roteiro para essa pré-entrevista.

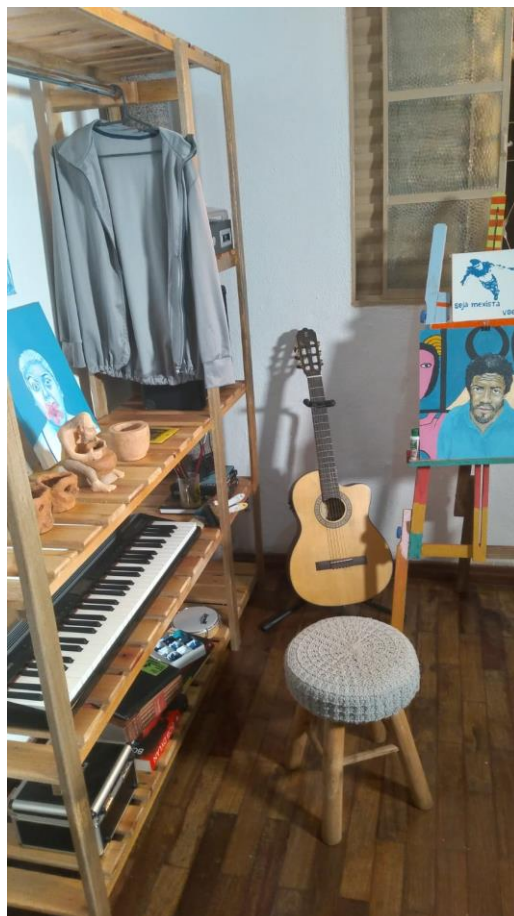
Todas as pré-entrevistas foram gravadas em áudio. A partir dessas gravações, Humberto recorta parte dessas falas para encaixá-las nos temas de nosso roteiro principal, assim selecionando previamente o que queríamos que fosse explorado pelos artistas em seus depoimentos. Todos esses cortes foram apresentados previamente para os artistas, esperando alguma aprovação ou desaprovação dos tópicos levantados.

O método para a produção do filme se baseou nesses cortes pré-definidos. Organizando estes áudios, no programa Adobe Premiere, seguindo o roteiro criado, intercalando transições e partes dos depoimentos. Desta forma, definimos o filme e a sua ordem antes mesmo de gravar qualquer imagem, apenas com os áudios, assim temos já um roteiro definitivo e objetivo para as gravações.

As gravações se iniciam na metade de 2022. Os espaços a serem utilizados como sets de filmagem são as próprias residências dos artistas. Os cenários das entrevistas são pensados e organizados a partir das possibilidades do espaço (itens e móveis da residência) tentando remeter a essência das falas, trajetórias e trabalhos dos artistas em questão.

O primeiro depoimento a ser gravado é o de Cleiton Custódio, o cenário de sua entrevista (figura 38) foi o mais elaborado. Nele conta com obras do artista, materiais de trabalho, parte do figurino, livros e elementos remetentes a música em geral. Principalmente levando a opinião do artista em relação a esses objetos, escolhidos previamente por ele, com a proposta de mostrar o que representa sua jornada até hoje.

Figura 38 – Cenário montado para gravação do trecho de Cleiton no Doc. Meus Parças



Fonte: Acervo Pessoal

Os itens que não estavam originalmente na residência eram as cabeças de argila produzidas por mim em período prévio (figura 39), Humberto deu a ideia de levá-las para serem suportes para velas, já que a primeira fala de Cleiton é sobre o fogo e a relação do artista e a criação, assim, a argila e as velas trariam uma temática mais filosófica e lúdica para o trecho (figura 40).

Figura 39 – Cena do Documentário representando as cabeças de argila



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

Figura 40 – Cena do Doc. Meus Parças onde a vela se apaga



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

A montagem do cenário também fazia parte das gravações, nas quais registramos Cleiton organizando o cenário, gravando closes em cada uma das montagens de cada elemento, sendo estes: obras por todo o cenário, o acendimento das velas, o posicionamento dos livros e do restante dos objetos envolvendo seu trabalho artístico.

A gravação foi realizada com duas câmeras, uma focada no plano geral, sendo manuseada por Danilo Aguiar, e a outra nos detalhes em close durante as falas dos artistas, manuseada por Humberto Prado. A ideia para o início do filme era utilizar as imagens desta segunda câmera, utilizar os enfoques para ir apresentando as imagens dos artistas aos poucos.

As outras gravações seguiram o mesmo padrão de trabalho, utilizando elementos da residência pré-definidos pelos próprios artistas e a montagem dos cenários feita por mim e Humberto. As câmeras continuaram com o mesmo método de filmagem. Tentávamos trazer para a imagem do cenário, a vivência desses artistas em seus locais de trabalho durante a pandemia, sendo o de Vaine sua relação com o computador e o trabalho de designer gráfico, e Kainã sua sala com suas partituras de seu álbum produzido durante a pandemia (Retrato do Artista quando Isolado) e tintas nanquim (figura 41).

Figura 41 – Bastidores da gravação com Kainã e Vaine



Fonte: Acervo Pessoal

Os últimos dois dias de gravação são dedicados ao personagem invisível, o personagem que representaria o Meus Parças. Esses dias são divididos em duas etapas: um para gravações internas (figura 42), nas quais seriam representados os processos de criação do trabalho, através de imagens de referências minhas próprias, trabalhos prévios antes da criação do Meus Parças, adesivos a sem serem recortados e após serem recortados, a galeria de registros feitos, o processo de criação da foto para desenho digital no photoshop, o figurino, e os instrumentos de trabalho; no segundo dia as gravações foram externas, onde mostram um outro lado do trabalho, com esse personagem Meus Parças (eu trajado com o figurino) finalmente saindo às ruas e colando os adesivos que havia produzido (figura 43), levando em conta o período da pandemia,

esse momento seria uma libertação desse personagem de seu isolamento, podendo produzir e interagir com a cidade novamente.

Figura 42 – Cabeça de argila vestindo os elementos do figurino Meus Parças



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

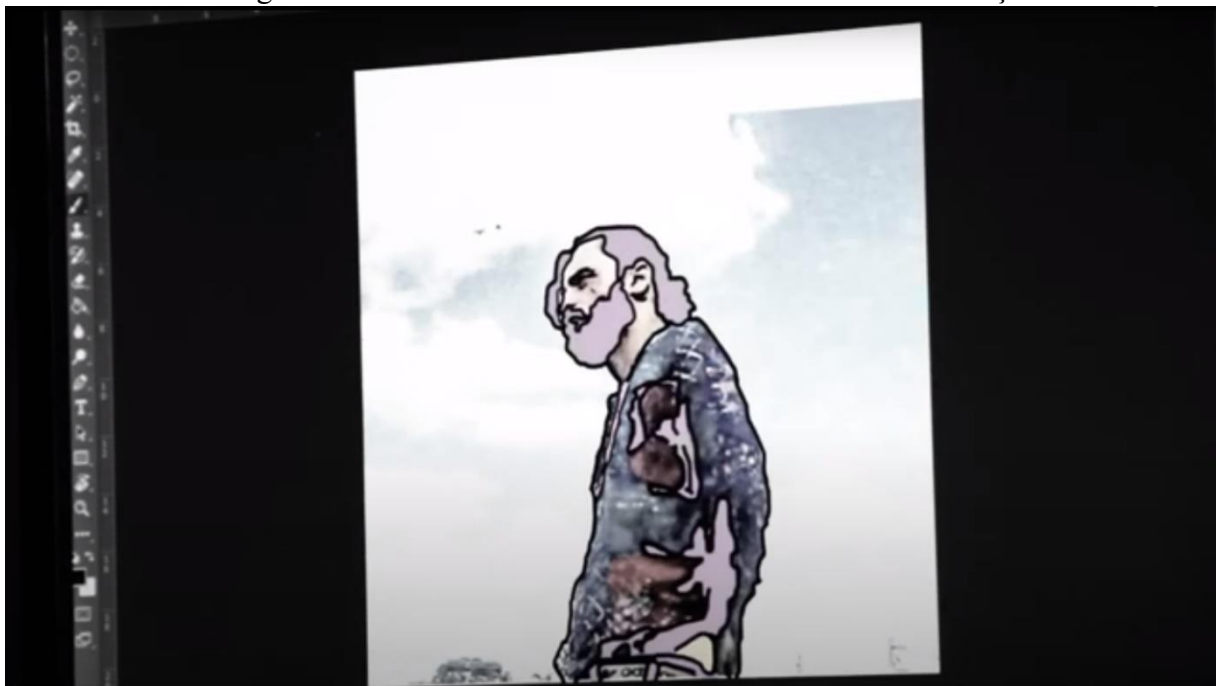
Figura 43 – Personagem Meus Parças colando seus adesivos



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

Identifico, nos resultados das gravações feitas sobre o personagem Meus Parças, registros dos processos que percorrem todo a minha trajetória relatada neste memorial, sendo esses: os rolos de filmes da câmera que passam a frente de um rosto de cerâmica, representando as primeiras experimentações de técnicas de fotografia e de cerâmica no curso de Artes Visuais; os adesivos Meus Parças em todo seu processo de criação, sendo este, a seleção de um dos retratos registrados dentro de uma grande galeria de registros, a abertura dele no programa Photoshop e a manipulação feita por cima da foto através de ferramentas como o pincel e o balde de tinta Figura 44; a presença de adesivos e trabalhos de outros artistas em meio a própria produção Meus Parças, que aparecem para evidenciar a presença da rede, mostrando o acompanhamento de outros artistas na trajetória de meu próprio trabalho, sendo na época em que vendia os adesivos alheios juntos aos meus ou na produção de artes para capas de lançamentos musicais, mas principalmente evidenciar a vontade que o Meus Parças possui de estar junto a essas produções, sendo em forma de entrevistas, registros ou representações; o figurino Meus Parças mostrado aos poucos para apresentar esse personagem invisível, dar a imagem de como é o artista sem ser o personagem, o artista em seu processo de criação sem estar às ruas vestido como Meus Parças; e o que finaliza esse processo contínuo, o recolhimento dos elementos apresentados (figurino, adesivos, mochila) junto a câmera fotográfica no ato de sair de casa e pôr o trabalho em prática nas ruas.

Figura 44 – Arte de Cleo sendo realizada no Doc. Meus Parças



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

O segundo dia de gravações desse personagem foi realizado nas ruas, com o intuito de representar a ação nas ruas, tendo em consideração que o contexto do filme era o cenário pandêmico, não pudemos registrar o lado do registro em si, então focamos na questão dos adesivos. Gravamos no período da noite comigo caracterizado com o figurino apresentado anteriormente, colando os adesivos como uma forma de completção do processo apresentado nas cenas gravadas no primeiro dia.

A edição do filme é realizada por Humberto Prado seguindo o roteiro de áudios montado previamente. Entramos em um consenso de que o tratamento de cores presentes no filme seria seguindo os temas definidos.

O primeiro tema a ser explorado foi tratado totalmente em preto e branco, pois se tratava da pandemia. A intenção era trazer um peso dramático para as falas dos artistas ao comentarem e relembrem tal período, carregado de uma produção isolada, sozinha. O preto e branco ligado com os ângulos fechados gravados deram a sensação de um isolamento, de uma necessidade de abrir e sair (Figura 45).

Figura 45 – Close de Cleiton em Preto e Branco no primeiro tema



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

O segundo tema, no qual os artistas contam um pouco de suas trajetórias e formações como artistas, até chegarem em Uberlândia e começarem a produzir na cidade. As angulações

de câmera utilizadas passam a se abrir aos poucos e as cores aqui começam a aparecer, porém de forma mais desbotada, como se fosse uma foto antiga, uma memória (Figura 46).

Figura 46 – Close de Kainã na entrada do segundo tema do documentário



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

O terceiro e quarto tema possuem cores mais vívidas e angulações de câmera mostrando um plano mais geral, mais claro, pois esses se aproximam mais do que a ideia do trabalho Meus Parças quer representar (Figura 47). Eles tratam respectivamente de: conexões feitas durante seus trabalhos como artistas independentes na cidade e o quanto elas foram importantes para suas próprias produções; e a importância do papel do artista e seu trabalho na sociedade em que nos vemos inseridos.

Esse ganho nas cores também traz um novo ânimo para se produzir, sendo o ato de sair de casa, a volta às ruas (tendo em vista o contexto de término da pandemia), possibilitam novos encontros, novas conexões e novos processos. Esse sentimento é representado através das cenas de colagens dos adesivos acompanhadas da trilha sonora (música Resistência de Natânia Borges feat Jamalsk MC), sendo que a cada adesivo colado, apareciam cenas e imagens de produções de cada artista retratado (Figura 48).

Figura 47 – Cena de Vaine durante o terceiro tema



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

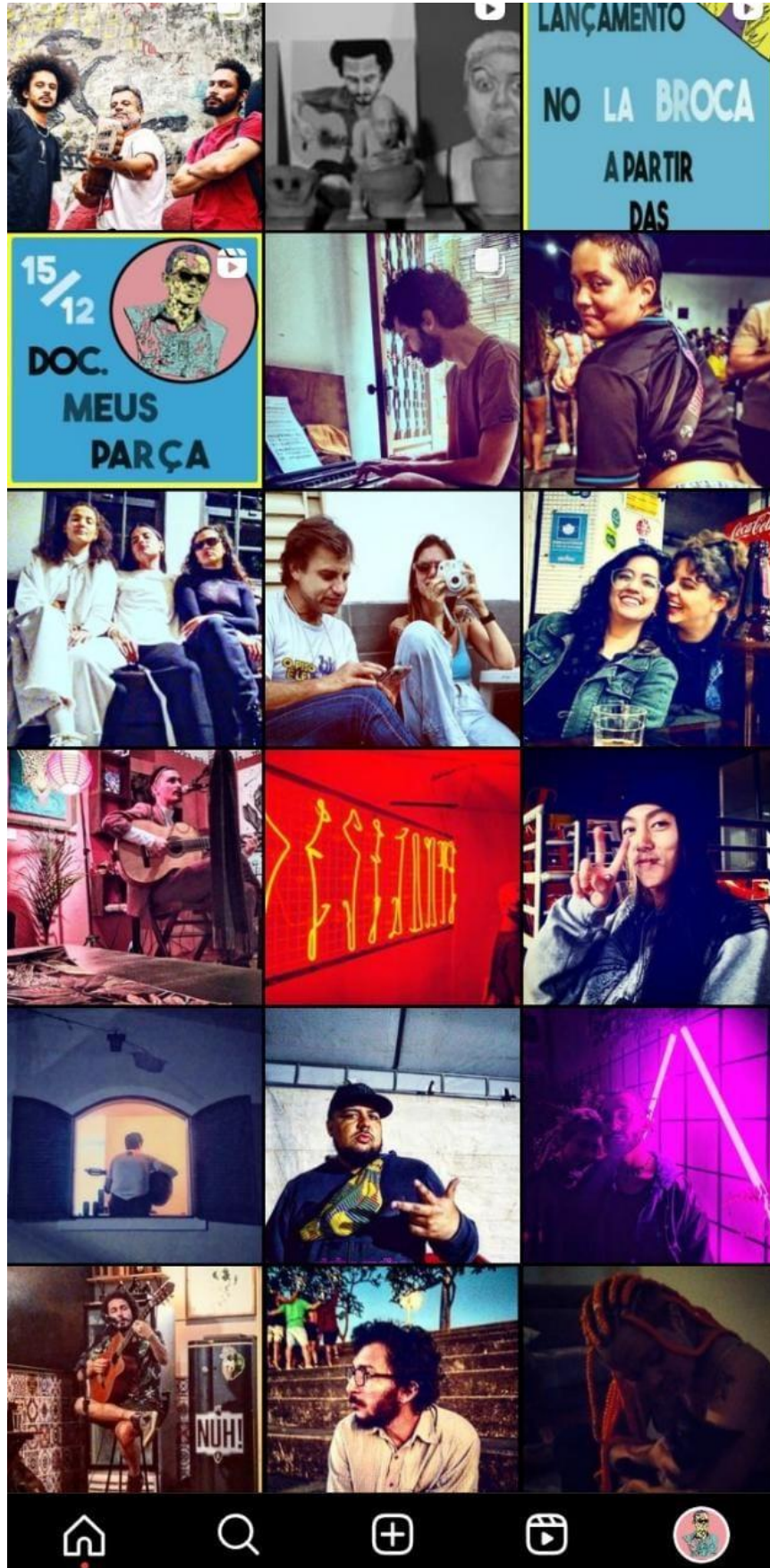
Figura 48 – Cena dos trechos das produções dos artistas



Fonte: <https://youtu.be/7Z0dyUzn25M>

Produzir arte independente já é um ato político de resistência por si só. O peso de um retrato Meus Parças colado, vai além de seu valor estético, com ele se carrega uma homenagem à essa produção e ao viver na cidade, tentar ser parte dela, através de imagens de pessoas com trajetórias e produções distintas que com muito custo continuam se fazendo presente em um cenário importantíssimo.

Figura 49 – Visão Geral da página Meus Parças no final de 2022



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

Capítulo 6 – O Registro como Arte

A trajetória do trabalho Meus Parças até agora sempre manteve sua essência, apesar de possuir alguns processos criativos distintos, que consiste em uma produção e prática artística que tomam como ponto de partida as relações de amizade formadas durante os anos na cidade de Uberlândia. Todos os resultados visuais do trabalho surgem de registros de encontros e trocas do cotidiano permeado pelo convívio com tais vínculos mencionados.

A partir desse entendimento do cerne da produção visual do Meus Parças, pode se analisar o trabalho a partir da ótica da estética relacional de Nicolas Bourriaud. Bourriaud escreve em seu livro, *Estética Relacional*, sobre os fatores que determinam uma produção de arte relacional:

Todos os artistas cujo trabalho deriva da estética relacional possuem um universo de formas, uma problemática e uma trajetória que lhe são próprias: nenhum estilo, tema ou iconografia os une. O que eles compartilham é muito mais importante, a saber, o fato de operar num mesmo horizonte prático e teórico: a esfera das relações humanas. Suas obras lidam com os modos de intercâmbio social, a interação com o espectador dentro da experiência estética proposta, os processos de comunicação enquanto instrumentos concretos para interligar pessoas e grupos.

(BOURRIAUD. 1998. 60 p.)

Sobre tal ótica, é possível identificar as características que fazem parte da produção Meus Parças como relacional. O autor pontua uma mudança de interesses nas práticas de alguns artistas da década de 90, quando a prática artística se concentra na esfera das relações humanas, escrevendo:

O artista concentra-se cada vez mais decididamente nas relações que irá criar em seu público ou na invenção de modelos de socialidade. Essa produção específica determina não só um campo ideológico e prático, mas também novos domínios formais. Em outras palavras, além do caráter relacional intrínseco da obra de arte, as figuras de referência da esfera das relações humanas agora se tornaram "formas" integralmente artísticas: assim, as reuniões, os encontros, as manifestações, os diferentes tipos de colaboração entre as pessoas, os jogos, as festas, os locais de convívio, em suma, todos os modos de contato e de invenção de relações representam hoje objetos estéticos passíveis de análise enquanto tais.

(BOURRIAUD. 1998. 40 p.)

Meus Parças se trata do registro dos encontros afetivos das relações, tais momentos geram uma interatividade intrínseca ao trabalho desde a realização da foto até sua postagem na rede social, um aprofundamento da representação visual das relações pré existentes como o objeto estético da produção.

Tomo a rede social, Instagram, como mais um domínio formal da produção contemporânea. Desta maneira, Meus Parças, como página inserida nessa rede social, levanta

uma problemática, através da interação possibilitada pela dinâmica do aplicativo, na relação da vida virtual (postagens) com a vida real (cotidiano).

Para entender a produção nesse domínio “rede social”, Maria Amelia Bulhões traz um escopo geral de como os artistas interagem com tais plataformas em seu artigo *Práticas Artísticas em Redes Sociais Virtuais*, escrevendo:

Os artistas que produzem essas obras participam, em geral, de equipes interdisciplinares que mantêm seus próprios sites para alocar seus projetos, ou, então, participam de eventos especializados na sua difusão. Eles entram num campo denominado por muitos de arte da comunicação, que, segundo Fred Forest, se caracteriza por simulação, interatividade e tempo real. Essa produção artística problematiza o campo das artes visuais pelas inúmeras questões que coloca, tais como: interatividade, funcionamento em tempo real, imaterialidade e transitoriedade. (BULHÕES. 2012. 49 p.)

O ponto da interação proporcionada pelas redes sociais é um elemento muito importante para a caracterização da arte relacional neste caso. Ela conta com a interatividade como um ponto de partida e chegada, um elemento intrínseco à obra:

[...]...para se convencer que a interatividade não é uma ideia nova... A novidade está em outro lugar. Ela reside no fato de que essa geração de artistas não considera a intersubjetividade e a interação como artificios teóricos em voga, nem como coadjuvantes (pretextos) para uma prática tradicional da arte: ela as considera como ponto de partida e de chegada, em suma, como os principais elementos a dar *forma* à sua atividade.

(BOURRIAUD. 1998. 61 p.)

O que dá a forma ao trabalho não é o registro individual para ser avaliado como obra de arte, mas sim toda a produção em si, está baseada na prática que consiste em aprofundar as relações com o Outro através do registro e de sua postagem. A partir da estética do trabalho, todos os seus desdobramentos em outras linguagens e plataformas passam a se integrar a essa forma de maneira orgânica, sendo que a essência de tal prática, a relação que temos com o Outro, é uma constante.

Meus Parças traz consigo essa característica ao mesmo tempo carrega um caráter documental, tendo em conta que os registros ficam gravados nessa página aberta para o público. A interatividade em tempo real em conjunto do aspecto documental do registro, se tratando de registros que são homenagens e celebrações a relações humanas, imprimem um caráter monumental para essas imagens.

A rede Meus Parças se forma a partir dessa dinâmica proporcionada pelas ações: da interatividade em tempo real das redes sociais; dos encontros fortuitos resultados do convívio cotidiano; dos registros constantes e seus desdobramentos.

A autora Anne Cauquelin define o conceito de rede no seu texto *Arte Contemporânea: uma introdução*, dizendo:

Em termos de comunicação, a rede é um sistema de ligações multipolar no qual pode ser conectado um número não definido de entradas, cada ponto da rede geral podendo servir de partida para outras micro redes. Isso é o mesmo que dizer que o conjunto é extensível. Nesse conjunto, pouco importa a maneira pela qual se efetua a entrada. Os diversos canais tecnológicos encontram-se ligados entre si: telefonia, audiovisual ou informática e inteligência artificial. Entrar em uma rede significa ter acesso a todos os pontos do conjunto, a conexão operando à maneira das sinapses no sistema neural.

(CAUQUELIN. 2005. 59p.)

Essa formação também se dá por conta das interconexões das relações do próprio público com os representados através dos retratos da página na rede social. O Outro representado possui sua própria rede de relações, o que amplia o alcance da rede construída pelo trabalho, sendo seus pontos de conexão as relações humanas.

Então pode se perceber que o trabalho *Meus Peças* consiste na prática relacional do registro das relações com os Outros divulgado através das redes sociais, o que por sua vez acaba construindo uma rede própria do trabalho que está em uma constante expansão.

O trabalho levanta diversos diálogos os quais vão se alterando, mudando de foco, conforme sua rede se expande. Se iniciou como um conflito entre a cultura das redes sociais, a qual traz consigo muito o olhar para si, e olhar para o Outro acaba sendo apagado, a página vem com esse intuito de trazer o cotidiano e celebrar essas relações. Tentando exemplificar que o importante é se lembrar desses laços, em uma sociedade urbana que possuem um ritmo acelerado dando pouca margem para apreciação da relação.

O diálogo passou a ficar mais complexo à medida que a rede se expande, a preocupação passa a ser identificar as produções, a vida desse Outro, ampliar o sentido da representação. Fato esse que exige abertura para produções como a *Revista Meus Peças*, as entrevistas e o *Doc. Meus Peças*.

Enquanto a rede *Meus Peças* existir e estiver em constante expansão, o próprio trabalho exigirá novas formas de se apresentar, novas linguagens para dialogar com seu novo público, sejam em formas de: eventos; produções audiovisuais; publicações. A proposta do trabalho dá abertura a qualquer tipo de manifestação artística, cultural.

Figura 50 - Visão Geral da página Meus Parças em junho de 2023



Fonte: <https://www.instagram.com/meusparca/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meus Parças se tornou uma prática cotidiana para mim. O trabalho de registrar passou a ser realizado quase que diariamente. Sua importância vai além da questão de processo artístico, ele passou a ser parte de minha identidade e de minha visão do mundo.

A proposta entregue pelo trabalho possibilita cada vez mais expandir para diversos aprofundamentos quando nos deparamos quanto à representação do Outro. Esse é o entendimento que tenho ao analisar minha trajetória.

Meus Parças é um trabalho constante que representa a ideia e o foco de uma época, apesar de ser um trabalho de somente 6 anos, é notável sua diferença de foco a qual acompanha as questões e requerimentos de sua rede. A rede é maleável, ao mesmo tempo que ela se expande e foca em pontos específicos (produções individuais de artistas, o próprio documentário exaltando a arte independente), ela nunca deixará de conversar com seus integrantes, por conta da construção da estética estabelecida pelo trabalho que transforma o retrato em uma linguagem da própria rede.

Fico feliz quando ouço a fala de Cleiton Custódio sobre Meus Parças no documentário, ele diz:

Conheci Renan Marino na UFU no curso de artes visuais e é do grupo de amigos que levo pra vida, para além da universidade. Ele desenvolveu um trabalho muito interessante que é o Meus Parças, que é uma espécie de fotografia que flerta com o desenho e a pintura digital, ele criou essa iconografia, essa imagética pessoal, através desse contato da tecnologia, mas com base também na linguagem fundamental do desenho, mas tudo isso a serviço da relação humana. Ele elegeu o gênero retrato, gênero clássico da pintura, mas ressignificou ele, se apropriou por vezes de imagens que já tinham ali ou ele mesmo fotografou, e a partir daí ele vai ressignificando a partir de seu processo de criar essas imagens, e vai criando relações interpessoais que só existem no trabalho dele, que são pessoas que nem se conhecem, mas que se conectam através dele, de seu trabalho. Ele usa as mídias sociais como suporte de seu trabalho, é muito atual também, é ali que ele expõe. Ele expõe também com os adesivos nas ruas, então o trabalho dele também vai pra rua. e tudo isso é linguagem digital e atual. O trabalho do Meus Parças vai de encontro com essa tendência, que é utilizar a tecnologia, mas para trazer questões humanas, para colocar o ser humano como tema central de sua arte.

(CUSTÓDIO. 2022. 53'50'')

Nesta fala senti que meu trabalho foi entendido. Com isso, sinto que Meus Parças ainda possui muitos espaços para se expandir e novas formas de se manifestar, suas potências vão até onde sua rede alcança, ou seja, não há limite imaginável para isso.

Meus parças continua e ainda continuará se inovando e se recriando para conversar com o seu público, seja antigo ou novo. Pois tenho em mente que o sentido que meu trabalho passa é o sentimento de que não se dá para produzir arte sozinho hoje em dia, nenhuma produção minha, em relação ao Meus Parças, foi feita sozinha, a presença e a contribuição do Outro são necessárias para o trabalho acontecer. O objetivo do Meus Parças é e sempre será a união para que possamos produzir arte e cultura apesar de nossas limitações.

De uma forma ou de outra, juntos conseguimos tudo.

REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, N. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009^a

BULHÕES, M. A. (2012). PRÁTICAS ARTÍSTICAS EM REDES SOCIAIS VIRTUAIS. Revista USP, (92), 46-57.

CAUQUELIN, A. Arte contemporânea, uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEUS PARÇAS. Publicações de 2017 – 2023. Disponíveis em

<https://www.instagram.com/meusparca/>


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Artes

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: - Bloco 3M


ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Artes Visuais				
Defesa de:	GAV035 - Trabalho de Conclusão de Curso 2				
Data:	22/06/2023	Hora de início:	16:00	Hora de encerramento:	17:45
Matrícula do Discente:	11411ATV007				
Nome do Discente:	Renan Marino da Costa				
Título do Trabalho:	Meus Parças: o registro e a rede social como produção artística				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim () Não				

Reuniu-se no Sala de conferências virtuais <https://conferenciaweb.rnp.br/sala/fabio-fonseca>, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Artes Visuais, assim composta: Professores: Profa. Dra. Patrícia Andrea Soto Osses - IARTE/UFU; Profa. Me. Maria Carolina Rodrigues Boaventura - membra externa; Prof. Dr. Fabio Fonseca - IARTE/UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos, o(a) presidente da mesa, Dr. Fabio Fonseca, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao discente a palavra, para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir o(a) senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

(X) Aprovado(a) sem nota.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Fonseca, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/06/2023, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Patrícia Andrea Soto Osses, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/06/2023, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Carolina Rodrigues Boaventura, Usuário Externo**, em 22/06/2023, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4565722** e o código CRC **8765C9B8**.
